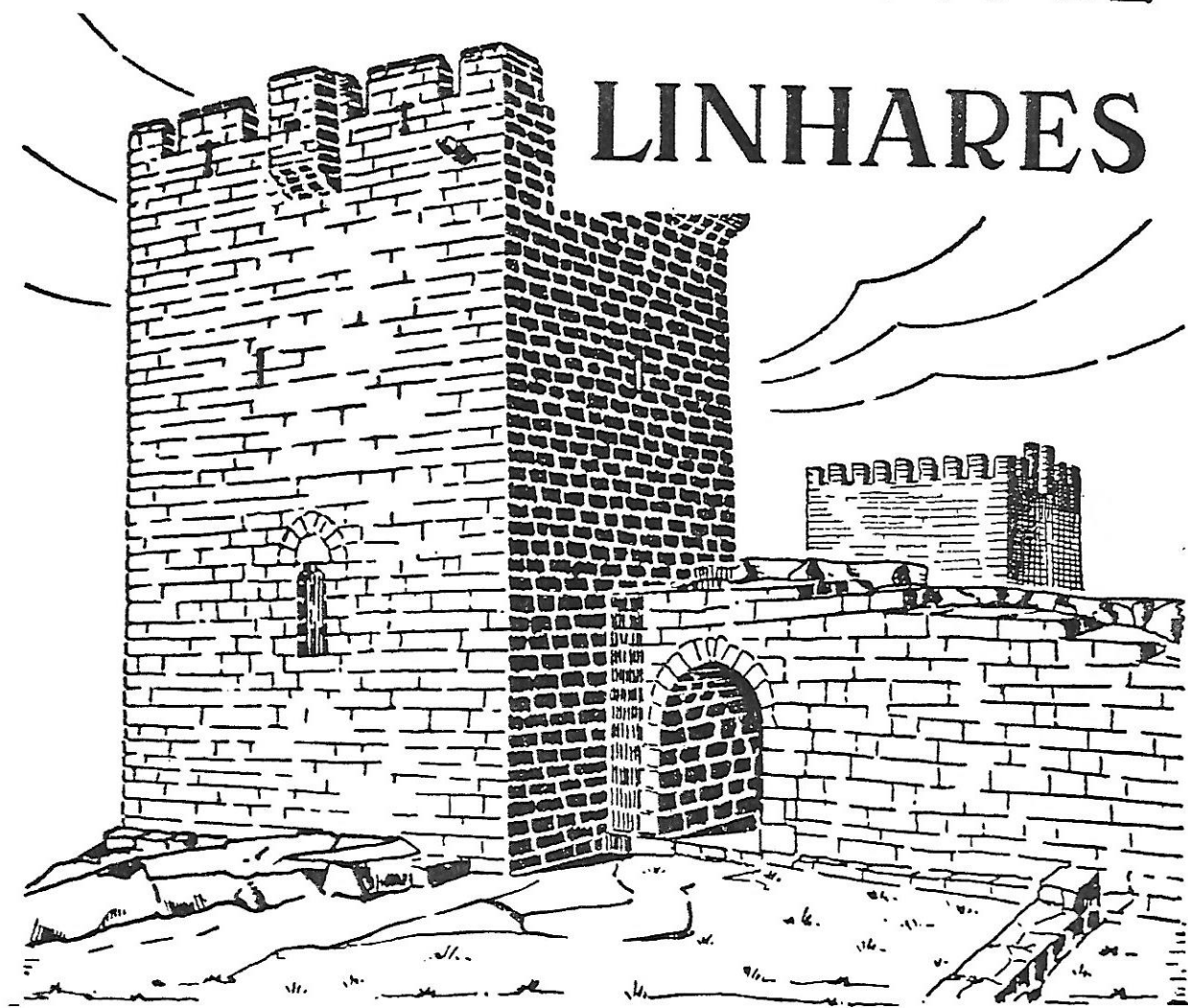


O CASTELO DE LINHARES



O CASTELO DE LINHARES

Trabalho elaborado por Casimiro Lopes dos Santos,

Professor do 10º Grupo A - História.

Escola Secundária de Nuno Álvares.

Castelo Branco.

Acção de Formação:

"A Arte de Fortificar Medieval - Castelos de Portugal"

orientada pelo Dr. Pires Nunes.

Castelo Branco, 20 de Junho de 1997.

ÍNDICE GERAL

	Página:
INTRODUÇÃO.	3
1 - LINHARES - GEOGRAFIA, ESTRATÉGIA E HISTÓRIA.	4
2 - O CASTELO	10
NOTAS	13
BIBLIOGRAFIA	14
ÍNDICE DE MAPAS E GRAVURAS	15

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema escolhido-O Castelo de Linhares-deriva do facto de Linhares ser uma vila em crescente desertificação humana, o que, de certo modo, preservou o seu património arquitectónico em que se inclui o castelo, mas também do papel estratégico que desempenhou na defesa do vale do Mondego e de Coimbra em conjunto com outros castelos da região.

Assim, procurarei enquadrar geográfica e historicamente Linhares, tendo em vista os objectivos estratégicos do poder régio em diferentes épocas: na Reconquista, na definição de fronteiras antes de Alcanizes e na crise de 1383/85, embora a Beira Alta e a sua entrada geográfica continuem a ser importantes em épocas posteriores.

Outro objectivo deste pequeno trabalho é o enquadramento geográfico, relevo e topografia local, que condicionou a vida da população e a construção do castelo.

O castelo de Linhares sofreu obras de restauro em 1958/59 que procuraram, com êxito, recuperar e reconstruir segundo a traça original, o que não terá sido difícil, já que as destruições não eram de grande monta e permitiam ainda uma visão retrospectiva quase perfeita.

1-LINHARES - GEOGRAFIA, ESTRATÉGIA E HISTÓRIA.

A Cordilheira Central que divide Portugal em duas metades bem distintas, está orientada no sentido nordeste-sudoeste, correndo-lhe à ilharga direita, em paralelo, o Mondego. O planalto onde o rio corre encaixado, alarga-se logo após a escarpa noroeste da Estrela, situando-se Celorico, Linhares, Gouveia e Seia, nas faldas dessa escarpa, abarcando-se destas localidades trechos significativos do vale do Mondego. A norte da Estrela situam-se as serras de Leomil e Lapa, atingindo esta a altitude máxima de 989 m, a uns 3 Km de Trancoso, no extremo sul desta serra.

Os castelos de Celorico a sul e Trancoso a norte, distando 18 Km um do outro, são os guardiões da entrada no vale do Mondego, ao descer-se do planalto da Beira Alta, último degrau da Meseta em direcção ao litoral, onde hoje correm o I.P.5, a antiga estrada da Beira (Nacional 17) e o caminho-de-ferro da Beira Alta, todas estas vias confluindo na principal fronteira portuguesa, Vilar Formoso.

Em 1064, com a conquista definitiva de Coimbra, a linha divisória entre o norte cristão e o sul muçulmano passava pelos cumes da Cordilheira Central até Coimbra e pelo Mondego até à foz. As duas margens do Mondego e quase toda a sua bacia eram cristãs (vide mapa 4). É então que se começa a definir a importância da defesa de Coimbra pelo sul, uma invasão muçulmana utilizaria a estrada natural que vai de Tomar a Coimbra e continua para norte. A importância estratégica desse caminho é demonstrada pelos castelos de Pombal, Penela, Soure, Miranda do Corvo, Lousã e Montemor. Coimbra, além da importância militar, tinha importância comercial. O conde Sesnando, com a sua política pró-muçárabe e de boa vizinhança com os muçulmanos, fez de Coimbra um grande entreposto

de comunicação e trocas entre os reinos cristãos e muçulmanos. A posição geográfica de Coimbra desempenhava aqui um papel fundamental; situada no sopé sudoeste da Cordilheira Central, na orla ocidental da Meseta Ibérica, aqui se inicia um caminho de penetração comercial, subindo o Mondego até ao planalto da Beira Alta e Ribas-Côa, chegando-se facilmente a Castela (vide mapas 1 a 7). A defesa de Coimbra pelo nordeste ainda não tinha assumido a importância que teve com D. Dinis, antes e depois do Tratado de Alcanizes.

Apesar disso, o povoamento e defesa dos flancos noroeste e nordeste da cordilheira, principalmente na Estrela, terá começado após a reconquista desse território por D. Fernando Magno de Leão e Castela. Os forais concedidos por este monarca atestam-no: Ansiães, Paredes e Penela (Trás-os-Montes) em que Linhares é citada. É duvidoso que se refira a Linhares da Beira, porque outras importantes povoações vizinhas são ignoradas: Celorico, Gouveia, Seia...

A importância de alguns destes lugares nesta fase da reconquista, a partir de meados do século XI, deriva do fácil refúgio e base das actividades de razia feitas em território muçulmano. Linhares é um caso paradigmático, pelas suas condições geográficas e topográficas: um refúgio serrano e uma sentinela do Mondego. Alguns autores (Borges COELHO e José MATTOSO) reconhecem a origem moçárabe destas povoações que prosseguem a sua vida após a reconquista. Os vales do Côa, do Mondego, do Alva (Lourosa é a prova), são "povoados" pelo reconhecimento, em forais, dos direitos dos que já aí habitavam. Os moçárabes representaram a ponte entre as épocas pré-muçulmana e pós-reconquista, principalmente na região montanhosa e planáltica do interior beirão onde a islamização foi superficial.

D. Afonso Henriques concedeu foral a Linhares em 1169. Aí referem-se os habitantes como já sendo povoadores, o que sugere um povoamento anterior e mencionam-se os limites: Gouveia, Folgoso, Celorico, Algodres e Eidania (Idanha): "vobis hominibus de Linhares qui ibidem populatores estis per mandatum meum, sive qui venerint ad populandum facimus vobis cartulam (...) Et sunt vestros istos terminos quomodo ex parte cum Gaudela et cum Felgoso, et ex alia parte quomodo ex parte cum Celorico, et ex tertia parte quomodo ex parte per Mondecum cum Algodres. Et est terminus eius contra Eidaniam per iugada de Barrelas et inde per sumum de Lomba Farta et exinde sicut dividitur cum Celorico"(1) .

O foral de Linhares, do tipo de Salamanca, determinava os critérios a que obedecia a posse da terra: o da apropriação individual e o da apropriação colectiva. Demonstrarei a seguir a importância deste facto para a vida da comunidade.

Seia, Celorico e outras terras da Beira Alta tiveram foral dado por D. Afonso Henriques. Gouveia, Folgoso, Covilhã, Valhelhas, Manteigas e Guarda, por D. Sancho I.

As necessidades da defesa foram determinantes na criação dos concelhos serranos. Essas necessidades passam pela ocupação do território e recrutamento de serviços militares. Nesta região, a guerra seria um modo de vida durante toda a reconquista (o foso). As expedições de razia poderiam ser longínquas, mas era uma guerra não apenas ofensiva, também era defensiva. Assim, o castelo desempenhava um papel importante na recolha e defesa dos habitantes, gados e outros haveres. Constam nos forais da região da serra da Estrela, as obrigações dos moradores, vilãos e lavradores em participar nas obras de manutenção e reconstrução do castelo, roubando algum tempo às actividades agrícolas e pastoris.

A pecuária teria uma grande importância (ainda tem) na economia da região serrana, pressupondo uma transumância entre as faldas, onde se situa Linhares e os planaltos mais elevados da Estrela. No verão, quando o perigo das incursões muçulmanas era constante, o gado estava em altitudes inacessíveis. É mesmo provável que a agricultura tivesse um papel menos importante que a pecuária, a recollecção (se nesta incluímos a recolha da castanha), a caça e a pesca, dadas as condições ecológicas da montanha. Esta pecuária extensiva em grandes espaços montanhosos, pressupunha a existência da propriedade comum e de rebanhos comuns, com gado de vários particulares, vindo até de zonas distantes, guardado por alguns pastores. A Estrela era o local ideal para guardar, durante o Verão, o gado do perigo das razias muçulmanas, enquanto se alimentava nas pastagens frescas da montanha. Não é esta a única justificação para a transumância na Península Ibérica, mas há que enquadrá-la neste contexto histórico. Quem terá iniciado esta pastícia transumante? Talvez os muçulmanos e, certamente pelas mesmas razões que os cristãos a praticam no século XI: aproveitamento das pastagens e refúgio dos gados.

A organização da exploração comunitária dos terrenos de pastoreio e de cultura do centeio é regulamentada nos forais. A venda da lã e outros produtos pecuários e agrícolas tinha lugar nas feiras de Celorico, Viseu, Trancoso e Guarda (vide mapa 11).

Até ao século XIII, a preocupação estratégica da defesa, pelo vale do Mondego, de Coimbra e até de Lisboa, após a reconquista, é uma constante. Reforça-se no tempo de D. Dinis. Este rei fez reconstruir os castelos que pensou como mais importantes, entre os quais, Linhares em 1291. Isto serviu a sua estratégia na luta contra os

castelhanos na região de Riba-Côa. Linhares será uma linha recuada. Este conflito termina com o Tratado de Alcanizes em 1297 (vide mapa 12).

O castelo de Linhares é, actualmente, na sua maior parte, da reconstrução de D. Dinis e do restauro de 1958. De facto, D. Dinis deu especial atenção a esta região do vale superior do Mondego, na sequência da política de D. Sancho I, o que até é comprovado pelos itinerários régios que não se afastavam significativamente da rede viária existente e pré-existente na época romana (vide mapas 8 e 9). D. Dinis doou Linhares a seu filho bastardo Fernão Sanches.

Nas guerras Fernandinas (vide mapas 13, 14 e 15), Linhares foi conquistada por D. Henrique II de Castela e sofreu grandes destruições. Este rei, no início de 1373 conquistou Almeida, Pinhel, Linhares, Celorico e Viseu e prosseguiu o seu caminho para Coimbra e Lisboa. Com as pazes entre o rei português e o castelhano, foi celebrado o casamento entre a filha bastarda de D. Fernando, D. Isabel e o filho bastardo de D. Henrique II, D. Afonso, incluindo-se no dote da noiva a vila de Linhares. Deste casamento descende a família Noronha.

Na revolução de 1383, era alcaide de Linhares e Celorico, Martin Afonso de Melo que tomou voz por Castela. Embora não esteja documentado, é provável, dados os acontecimentos posteriores, que o povo miúdo das duas vilas se tenha revoltado e tomado os castelos. Quando, por carta de 17 de Agosto de 1384, D. João, Mestre de Avis, fez doação de Linhares e Folgosinho a Egas Coelho, já estas localidades o apoiavam.

Na primavera de 1385 travou-se a batalha de Trancoso, em que participaram os de Linhares, nobreza e povo, comandados pelos fidal-

gos Martim Vasques da Cunha e seu irmão Gil Vasques. Esta batalha travou-se na veiga de Trancoso. Os castelhanos tinham muito mais lanças (nobreza) e os portugueses superavam-nos em homens de pé, sem grande prática de armas. No entanto, as tácticas de guerra revolucionárias já estavam introduzidas em Portugal e a nobreza castelhana foi desbaratada. É provável que esta batalha, pelas perdas humanas dos castelhanos, tivesse tido influência na de Aljubarrota em 1385. Pouco tempo depois da batalha de Trancoso, D. João I, em Junho de 1385, fez doação de Linhares a Martim Vasques da Cunha.

Em 1384 e 1385, Linhares veria passar no vale do Mondego, os exércitos castelhanos, por duas vezes, a caminho de Lisboa e Aljubarrota (vide mapa 16).

A partir do século XV, a importância militar de Linhares foi decrescendo. A vila em breve se estendeu pela encosta sul. Tinha duas freguesias, a de Santo Isidoro, priorado, que era a matriz e a de Santa Maria, junto do castelo, que ainda conserva traços românicos.

O século XVI deve ter sido de grande prosperidade, o que se adivinha pelas construções dessa época. D. Manuel I concedeu-lhe foral novo em 1510. Em 1527, segundo o censo de D. João III, no termo de Linhares viviam 1006 moradores, 153 na própria vila.

No século XVII, apesar de Linhares já não constituir um objectivo militar fundamental, durante as guerras da Restauração ainda teve algumas obras. As troneiras existentes na Torre de Menagem, bem como as ameias de corpo largo, são desse tempo.

No século XIX, a 3ª invasão napoleónica não se preocupou com esta vila, passando ao lado, pelo vale do Mondego, a caminho de Lisboa.

A situação geográfica, na falda da serra, e a posição excêntrica, de difícil acesso e isolamento, contribuíram para a decadência

que se acentua no século XX, tal como tinham contribuído para a sua importância na Idade Média.

Já no século XVIII, o prior Francisco da Silva Oliveira dava conta da ruína do castelo: "para a parte norte se vê também situado o seu castelo, de obra antiga e em muita parte já arruinada nos parapeitos superiores, não por efeito do terramoto que aqui não fez dano algum, mas sim pelo decurso dos tempos, compondo-se também de duas formosas torres de pedra de cantaria grosseira que ainda se conservam inteiras, mostram na sua duração a valentia da obra".(2)

2 - O CASTELO

Como é um castelo roqueiro, a sua planta é irregular, pois adaptou-se a construção à topografia do terreno alcantilado e rochoso (gravuras I e II). De comprimento tem um máximo de 137 m e de largura 47 m. Desconhece-se a distância no tempo, da construção da couraça e torre em relação à cerca e torre de menagem, mas aquela aproveita o que restava por preencher do esporão rochoso onde o castelo se situa, pois toda a muralha, quer da cerca, quer da couraça se adaptam e aproveitam muito bem o rochedo. A cerca estende-se na direcção poente nascente. A couraça corre para nascente e na sua extremidade está a torre. As entradas para a cerca são por uma porta a partir da couraça, situada junto da torre de menagem, do lado sul e por outra a poente sobre uma zona alcantilada. A cerca tem adarves aos quais se acede por escadas de pedras salientes da muralha. (vide gravuras V a IX)

A cerca abrigaria a antiga vila de Linhares, há vestígios disso, mas, pelo tipo de algumas construções românicas da vila, verifica-se que, desde cedo, a população foi habitando a encosta sul, de declive mais suave, abrigando-se esporadicamente na cerca, consoante o desenrolar dos acontecimentos militares luso-castelhanos que, a partir do século XV já não implicarão directamente Linhares.

A torre de menagem é rectangular, tem de altura 18 m, de largura 8 e de comprimento 11. Ergue-se dentro da cerca, com os seus dois balcões com matacões ao mesmo nível das ameias que são de corpo largo. O balcão mais largo está virado a sul, no canto nascente e o mais estreito a poente no centro. O acesso à torre faz-se por uma porta virada a poente, a 2,5 m de altura. Tem dois pisos, ao nível dos quais existem seteiras, uma para cada ponto cardeal, excepto no primeiro piso para poente e sul. Nas ameias, de corpo largo, existem troneiras cruzetadas, 3 viradas a nascente sobre a couraça, 2 a sul, 2 a norte e 2 a poente sobre o interior da cerca. Estas troneiras e as ameias de corpo largo confirmam uma reconstrução posterior ao século XIV, apesar da importância militar de Linhares já não ser tão relevante. (ver gravuras)

A couraça corre para nascente. Começa junto da torre de menagem com 27,5 m de largura e vai ficando cada vez mais estreita, até terminar na torre da couraça que tem de altura 20 m, por 13 de comprimento e 8,7 de largura. Embora sendo mais alta, a torre da couraça parece mais pequena que a torre de menagem, porque se situa a uma altitude uns 3 m inferior a esta. A torre da couraça tem dois pisos e em cada um existe uma seteira a meio, viradas para os 4 pontos cardiais, excepto no 1º piso, poente, onde se situa a entrada, a 3 m do solo, por uma porta rectangular, de 1 m de largura por 2 de altura. É coroada por ameias de corpo estreito, duas delas, ligeira-

mente mais elevadas ,na fachada sul,suportam um pequeno sino.

A muralha sul da couraça é quase rectilínea e mede 54,5 m de comprimento e tem de altura máxima,junto da porta,6 m .Esta porta românico-gótica dá acesso directo ao interior da couraça.A muralha norte que foi totalmente reconstruída em 1958 tem 48 m de comprimento e,actualmente,uma porta estreita virada para a encosta alcantilada de norte.

As obras de restauro executadas em 1958 foram as seguintes: "desaterro do recinto da couraça e terreiro superior;reconstrução do coroamento das torres,segundo a parte que não foi destruída; reconstrução da muralha norte da couraça;reconstrução do coroamento das muralhas;consolidação das cantarias dos paramentos das muralhas;construção da armação dos telhados das torres e sua cobertura com telha nacional dupla patinada;execução do travejamento dos pavimentos das torres e seu sobradamento;execução das escadas interiores das torres;fixação de escadas de ferro para acesso ao interior das torres;construção de portas de madeira de castanho e sua colocação nas entradas das torres e na couraça;aquisição e demolição dos prédios que se encontravam junto da torre nascente; arranjo do terreno envolvente e remoção de entulhos."(3).

NOTAS

(1)-in"Portugaliae Monumenta Historica",Leges,I,Documentos Medievais Portugueses,Documentos Régios,Vol.I,Tomo 1,nº 296,pag. 385,citado em "Boletim da Direcção Geral do Edifícios e Monumentos Nacionais" nº98,edição do Ministério das Obras Públicas,Lisboa, Dezembro de 1959,pag. 7.

(2)-CARDOSO,P.^e Luís-"Dicionário Geográfico",vol.20,nº 90, folha 637 e seg.,citado em Boletim da D.G.E.M.N....op.cit.p.27.

(3)-in Boletim da D.G.E.M.N....p.28.

BIBLIOGRAFIA

- BATISTA, José David Lucas-"O Povoamento da Serra da Estrela-de 1055 a 1223", coedição do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e do Parque Natural da Serra da Estrela, Lisboa-Manteigas, 1988.
- COELHO, António Borges-"A Revolução de 1383", 5ª edição, Editorial Caminho, Lisboa, 1981.
- O mesmo -"Comunas ou Concelhos", 2ª edição, Editorial Caminho, Lisboa, 1986.
- LOPES, Fernão-"Crónica de D. João I" 1ª parte, 2ª edição, Publicações Europa-América, Introdução e notas de José Hermano Saraiva, Lisboa, 1990.
- MARQUES, A.H. de Oliveira-"História de Portugal" vol I, Palas Editores, Lisboa, 1974.
- MATTOSO, José-"Identificação de um País" vol. I e II, Editorial Estampa, Lisboa, 1985, 1991.
- MEDEIROS, Carlos Alberto-"Introdução Geográfica" in "História de Portugal", I vol., Edições Alfa, Lisboa, 1983.
- RIBEIRO, Orlando-"Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico", Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1991.
- SÉRGIO, António-"Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal", 2ª edição, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1974.
- S.A.-Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 98, "O Castelo de Linhares", Editorial do Ministério das Obras Públicas, Lisboa, Dezembro de 1959.

ÍNDICE DE MAPAS E GRAVURAS

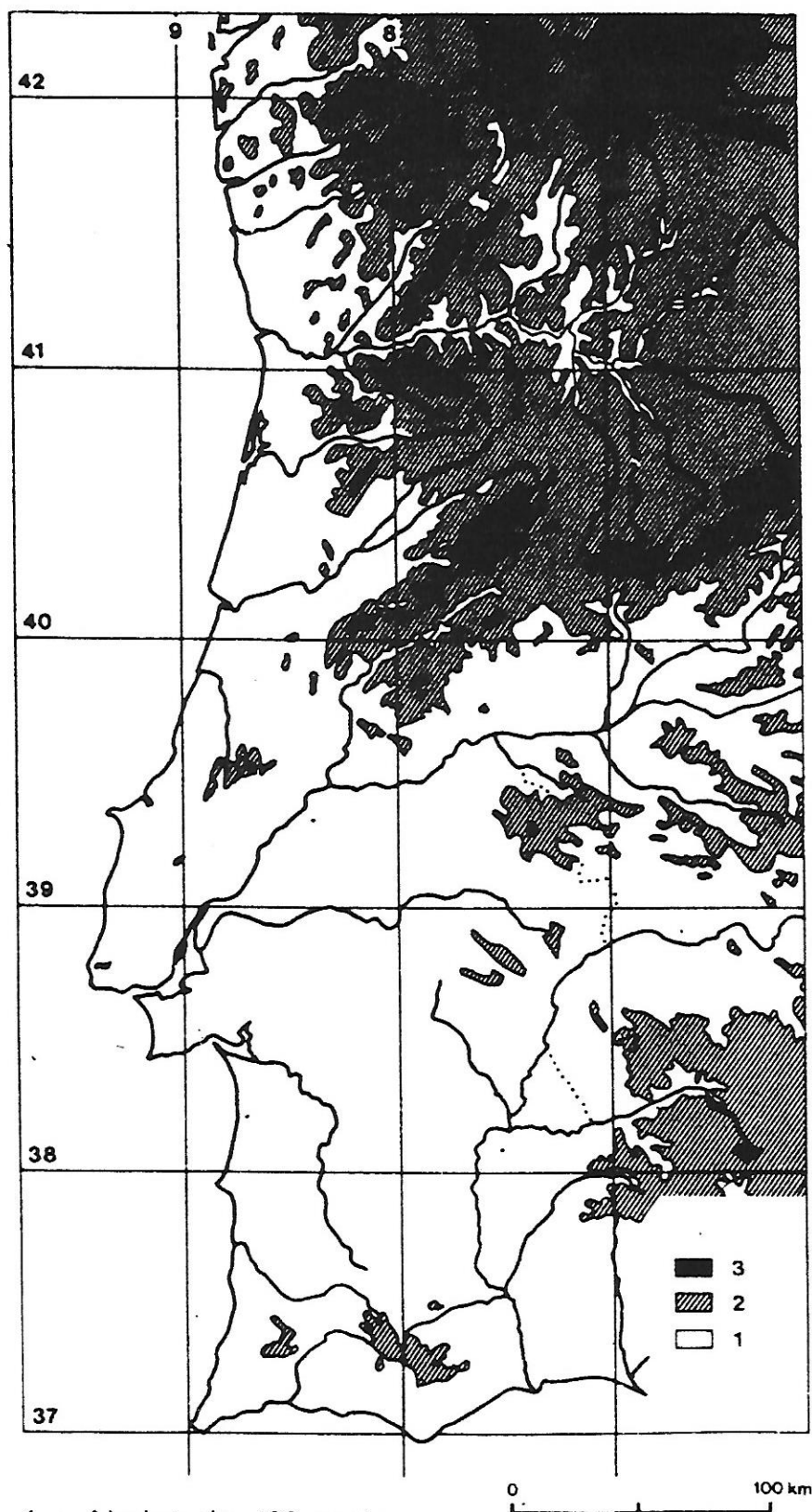
MAPAS:

- Mapa 1-p. 16, extraído de RIBEIRO, Orlando, op. cit. p.179.
- " 2-" 17, extraído de MEDEIROS, op.cit.p.11.
- " 3-" 18, " " SÉRGIO, op. cit.p.186.
- " 4-" 19 " " MARQUES, op.cit.p.112.
- " 5-" 20, elaborado pelo autor deste trabalho.
- " 6-" 21, " " " " " " .
- " 7-" 22, extraído de MATTOSO, op. cit. vol. II, p.242.
- " 8-" 23 " " " " " " " p.245.
- " 9-" 24 " " " " " " " p.243.
- " 10-" 25 " " " " " " " p.240.
- " 11-" 26 " " MARQUES, " " vol. I p.138.
- " 12-" 27 " " " " " " " p.175.
- " 13-" 28 " " " " " " " p.180.
- " 14-" 29 " " " " " " " p.181.
- " 15-" 30 " " " " " " " p.182.
- " 16-" 31 " " " " " " " p.186.
- " 17-" 32 " " " " " " " p.447.
- " 18-" 33 " " " " " " " p.579.

GRAVURAS:

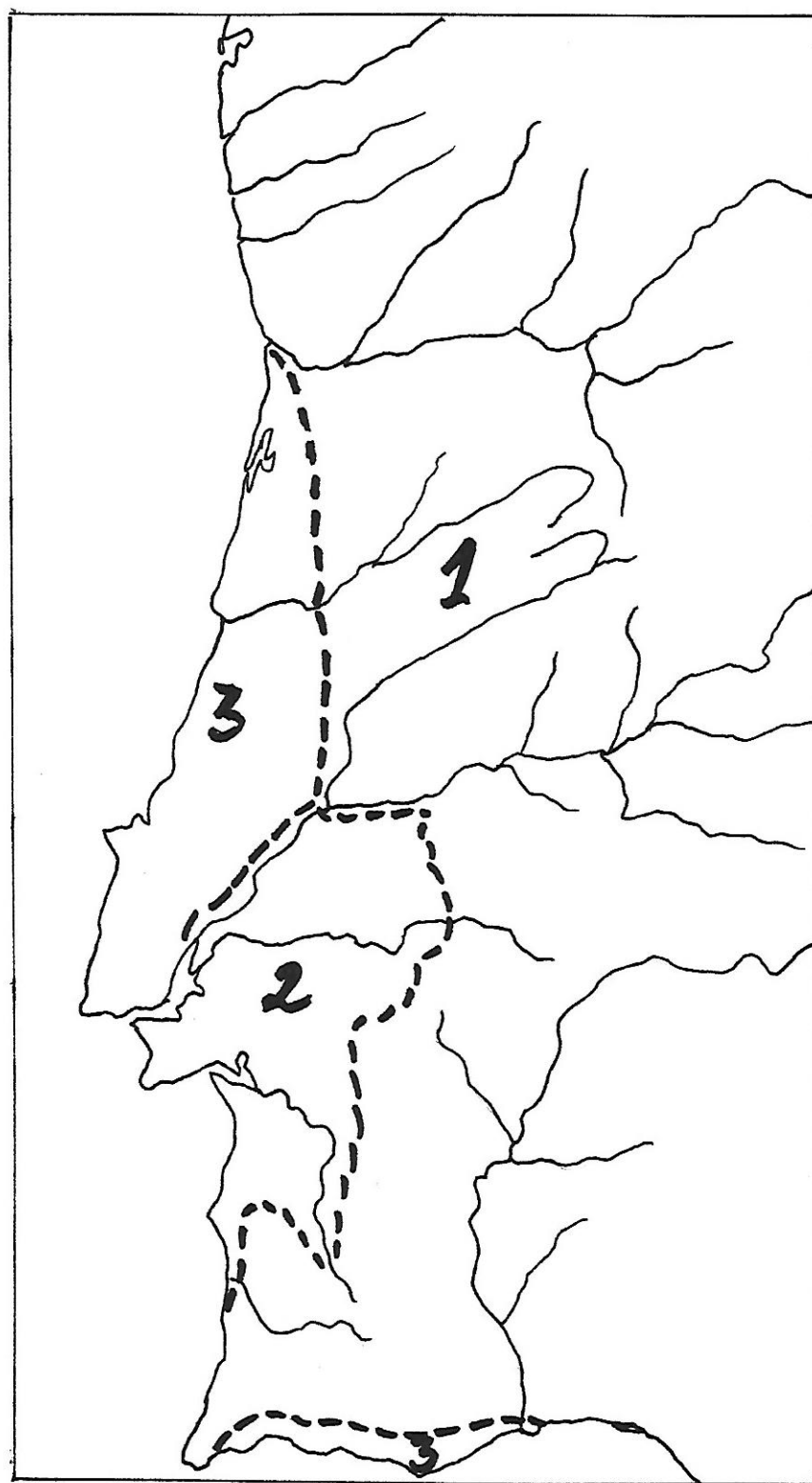
- Gravuras I a XI-p.p. 34-44, extraídas do Boletim da D.G.E.M.N: nº 98.
- " XII a XIII-fotografias do autor deste trabalho, p.p. 45-50.

MAPA 1
Relevo



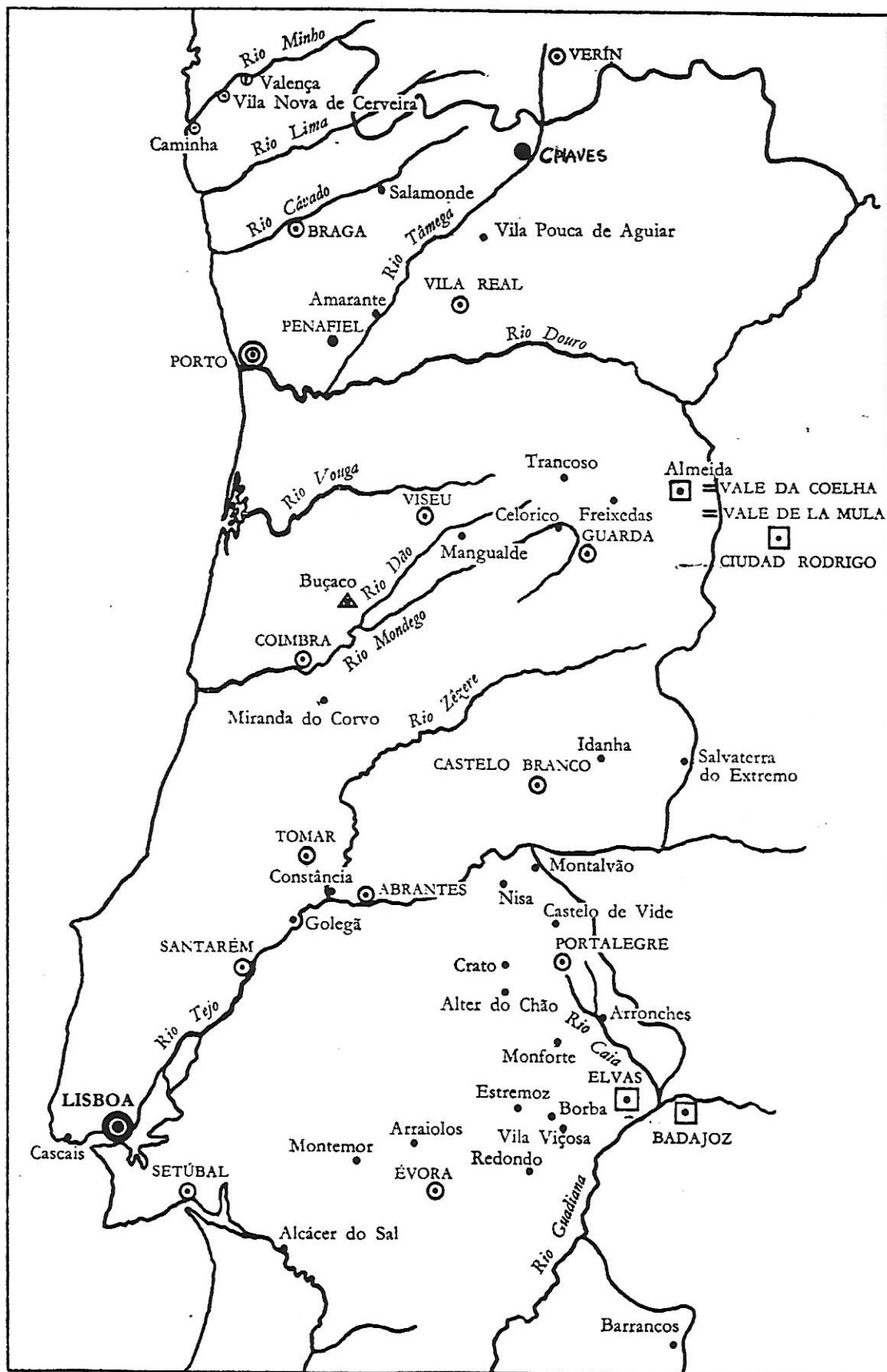
- 1 : Abaixo de 400 metros
2 : De 400 a 900 metros
3 : Acima de 900 metros

MAPA 2
Unidades estruturais



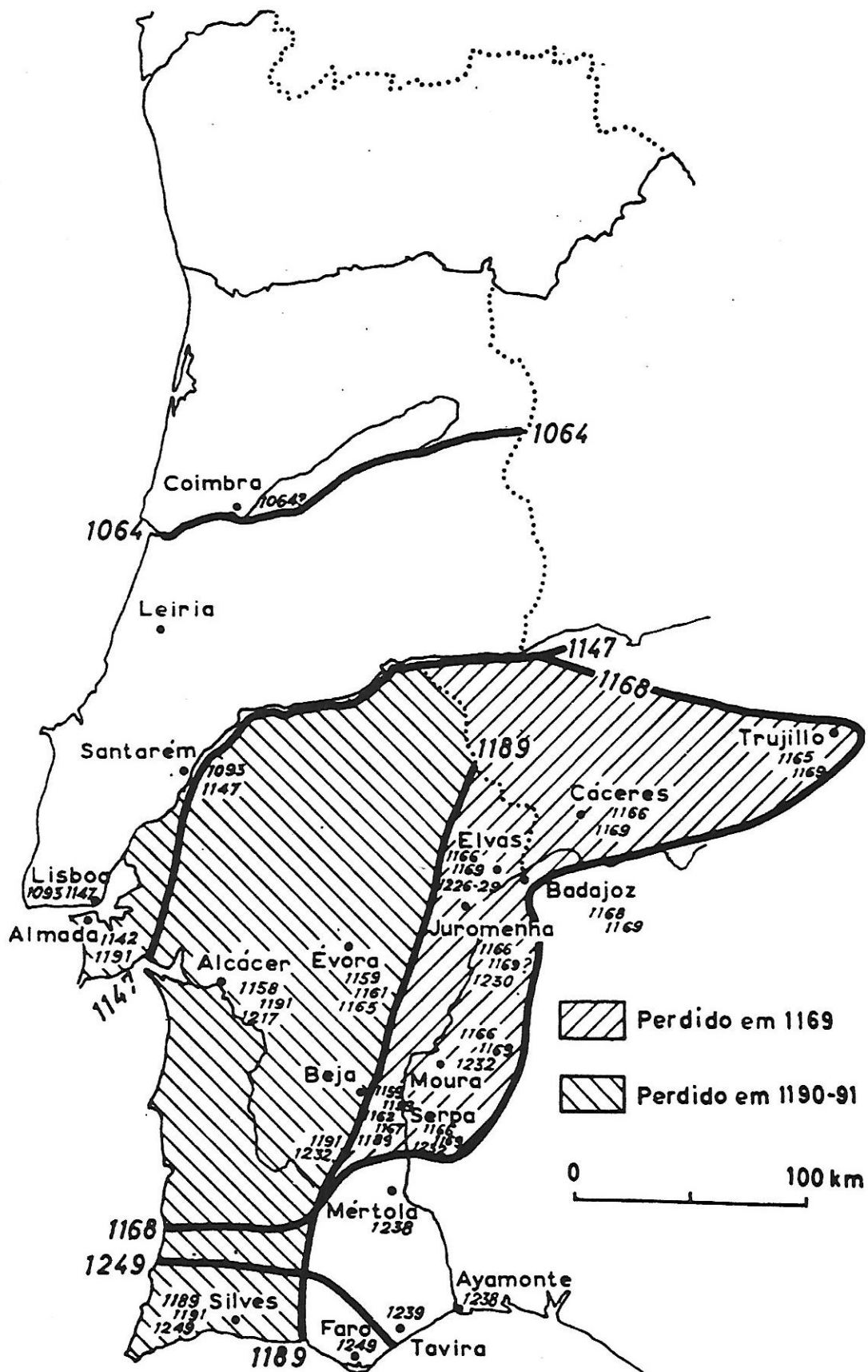
- 1 - Meseta Ibérica
- 2 - Bacias terciárias (Tejo e Sado)
- 3 - Orlas mesozóicas e enozóicas
- Linha divisória (aproximado)

MAPA 3

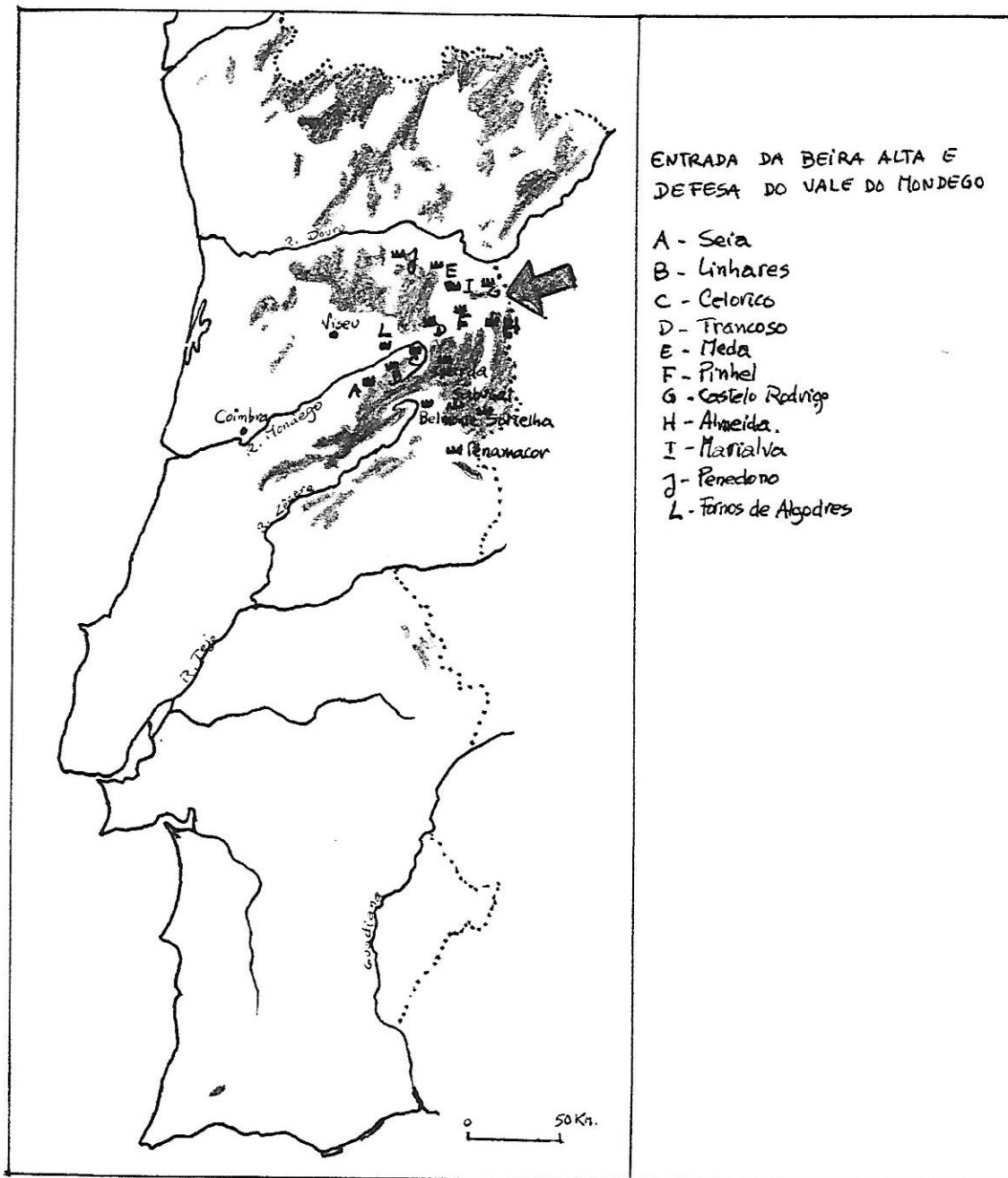
Entradas geográficas de Portugal

MAPA 4

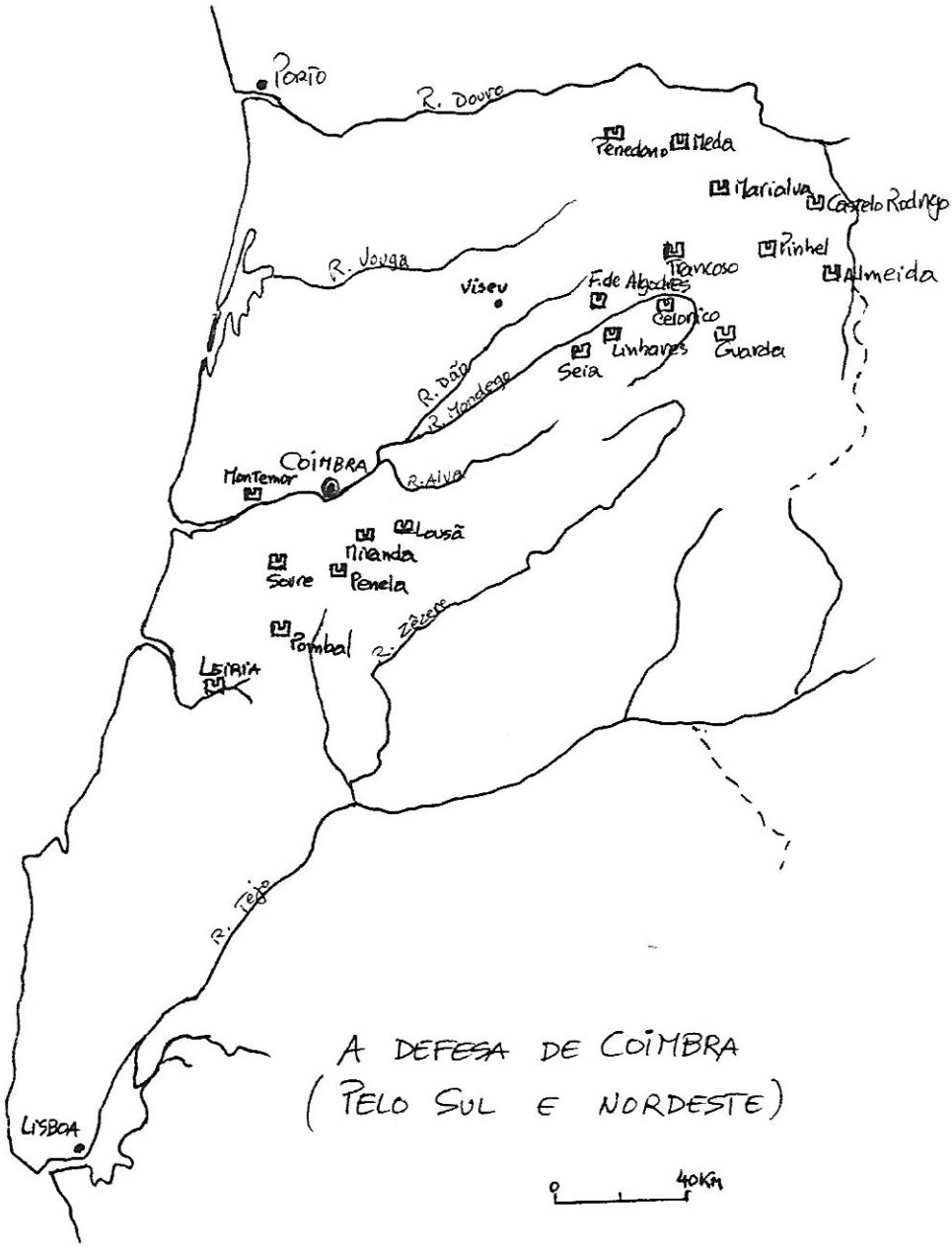
A «Reconquista» cristã em Portugal



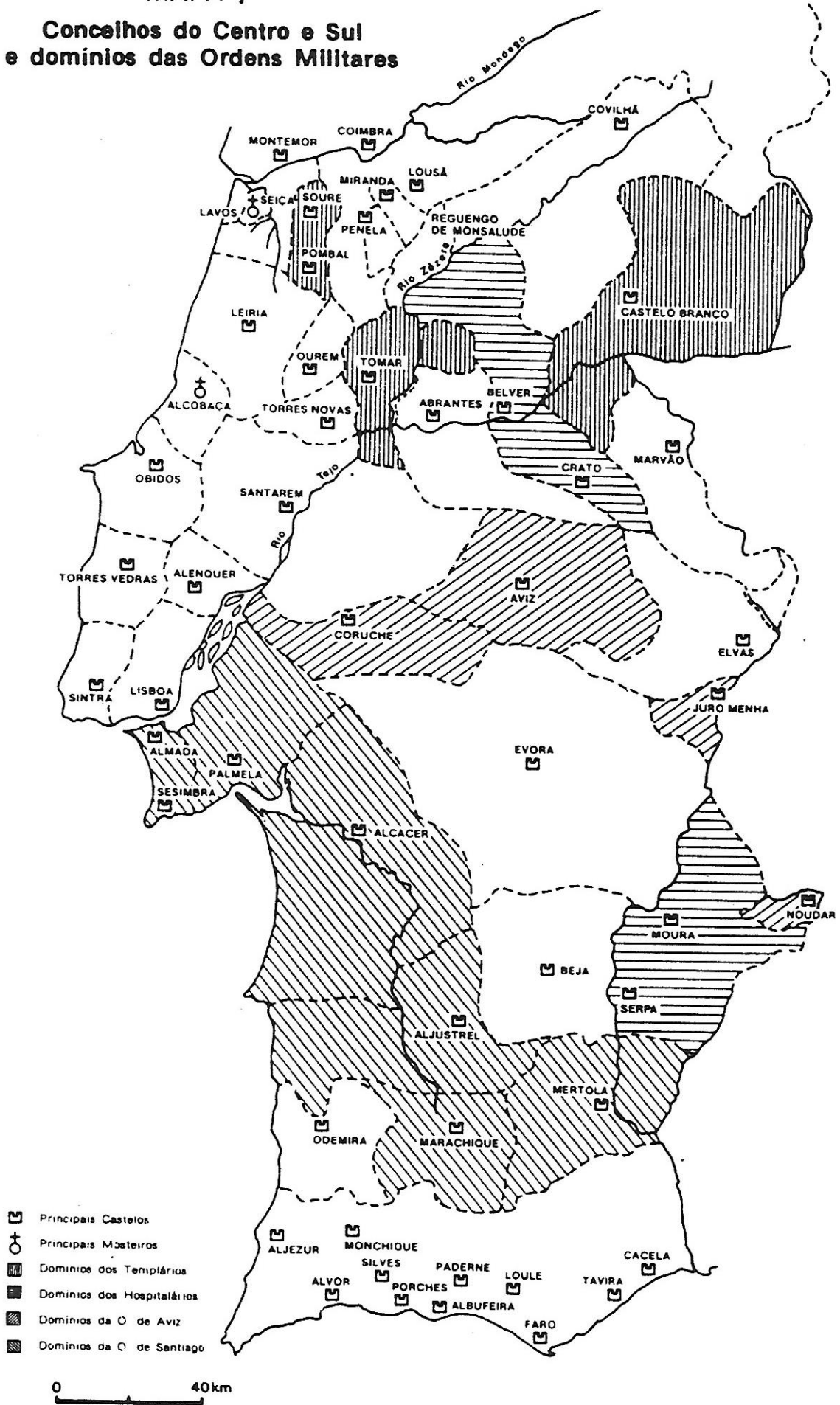
MAPA 5



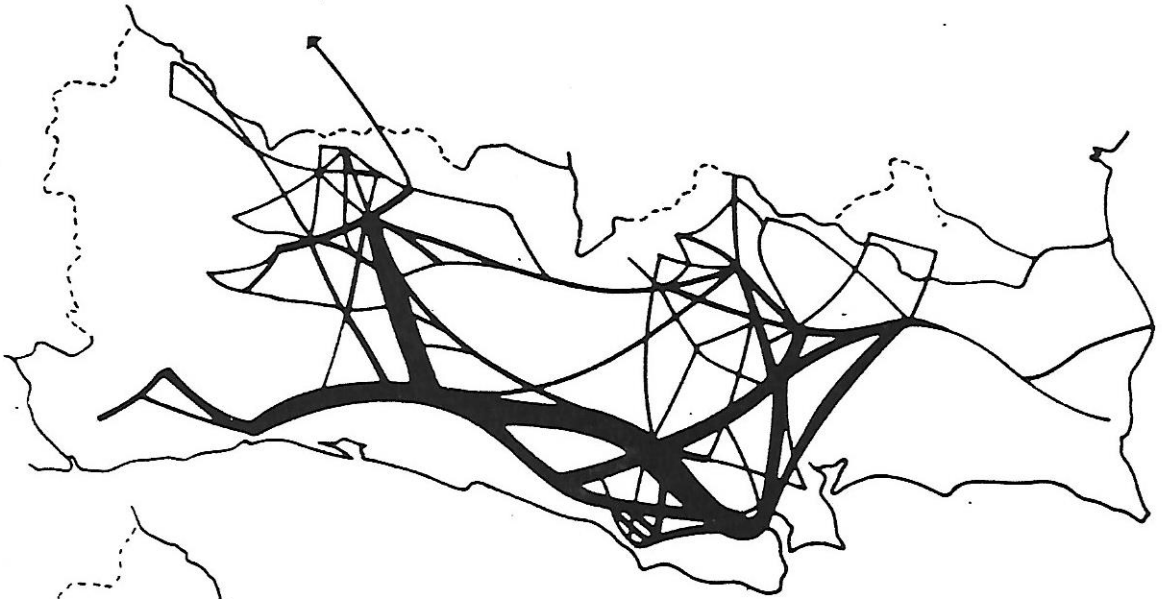
MAPA 6



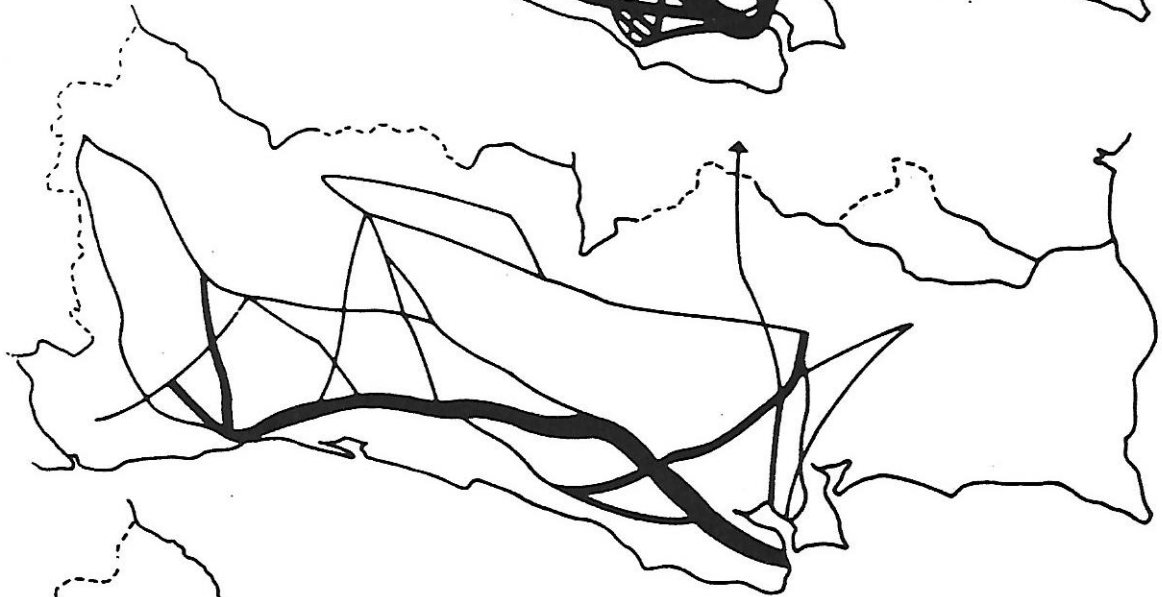
MAPA 7
Concelhos do Centro e Sul
e domínios das Ordens Militares



MAPA 8
Itinerários regiões
Fluxo das ligações



D. Dinis

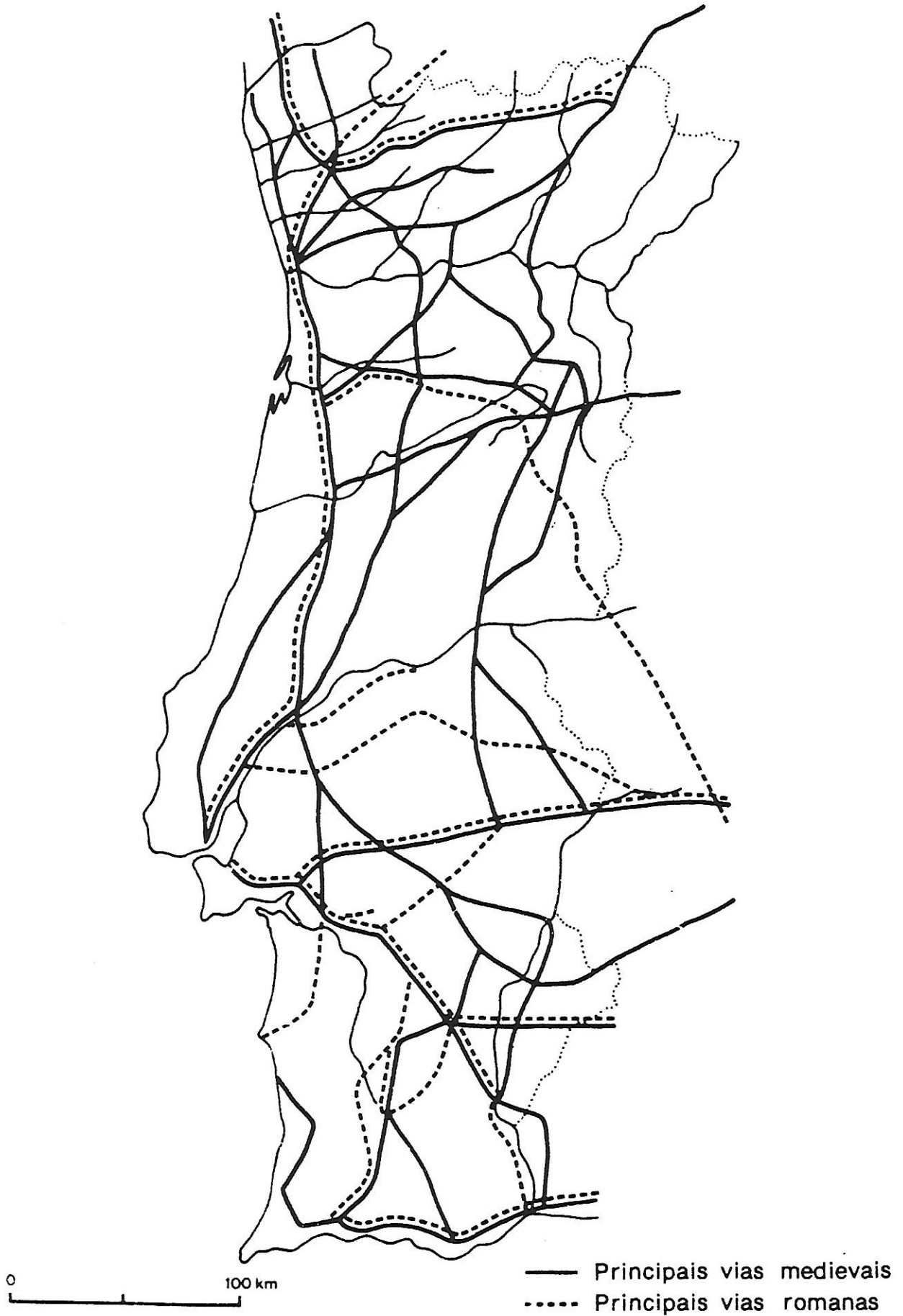


Afonso III

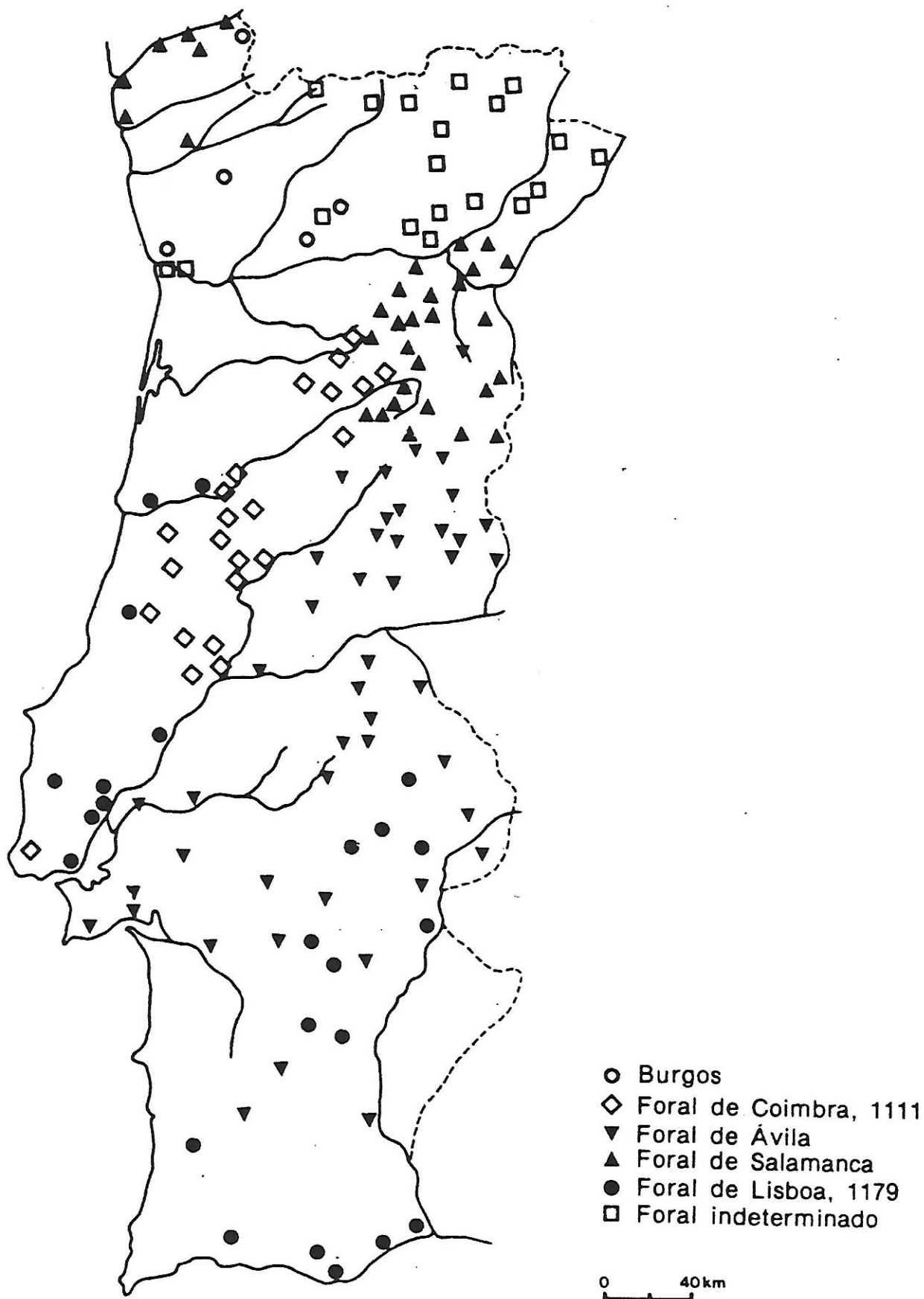


Sancho I

MAPA 9
Rede viária romana e medieval

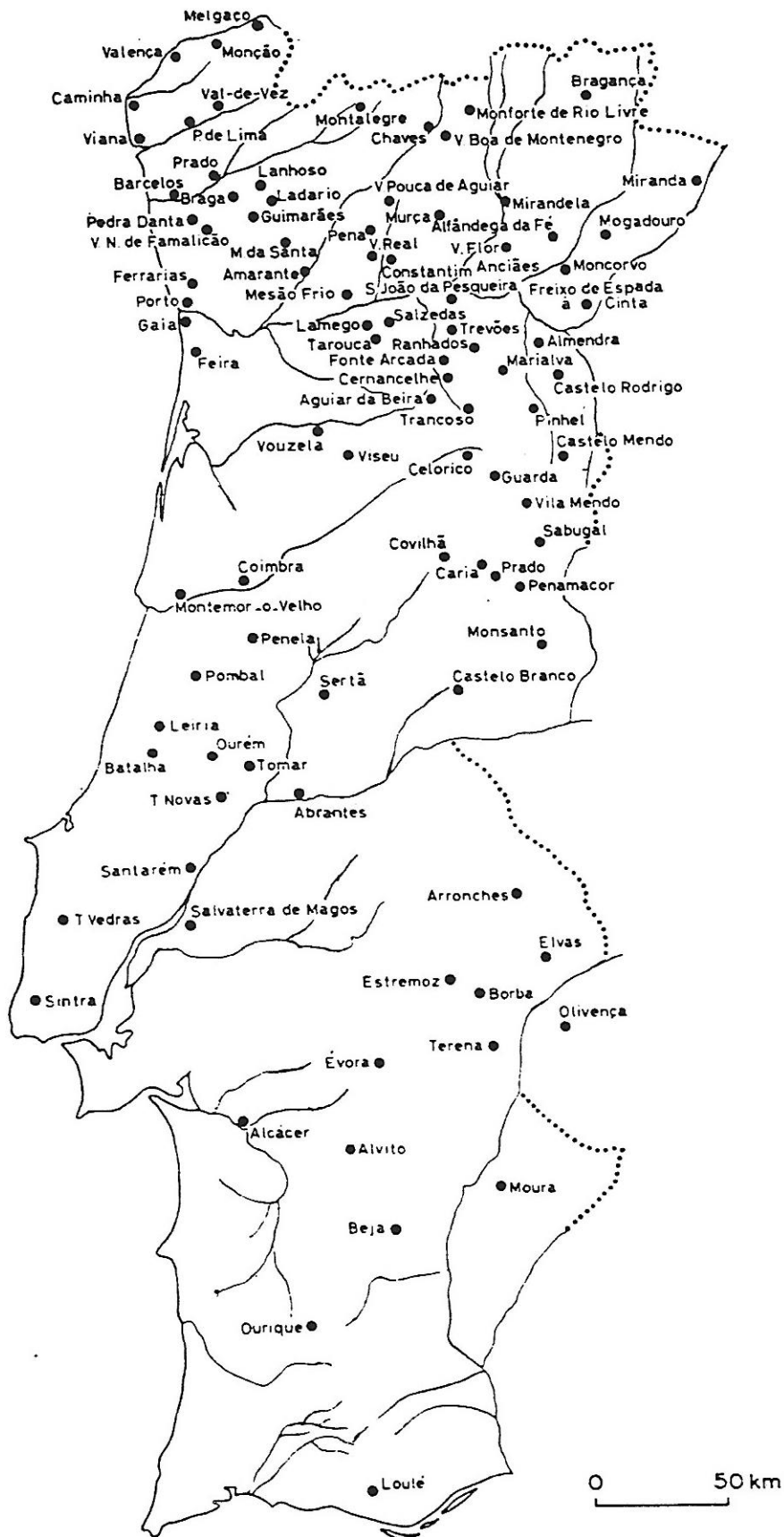


MAPA 10
Concelhos «Urbanos»



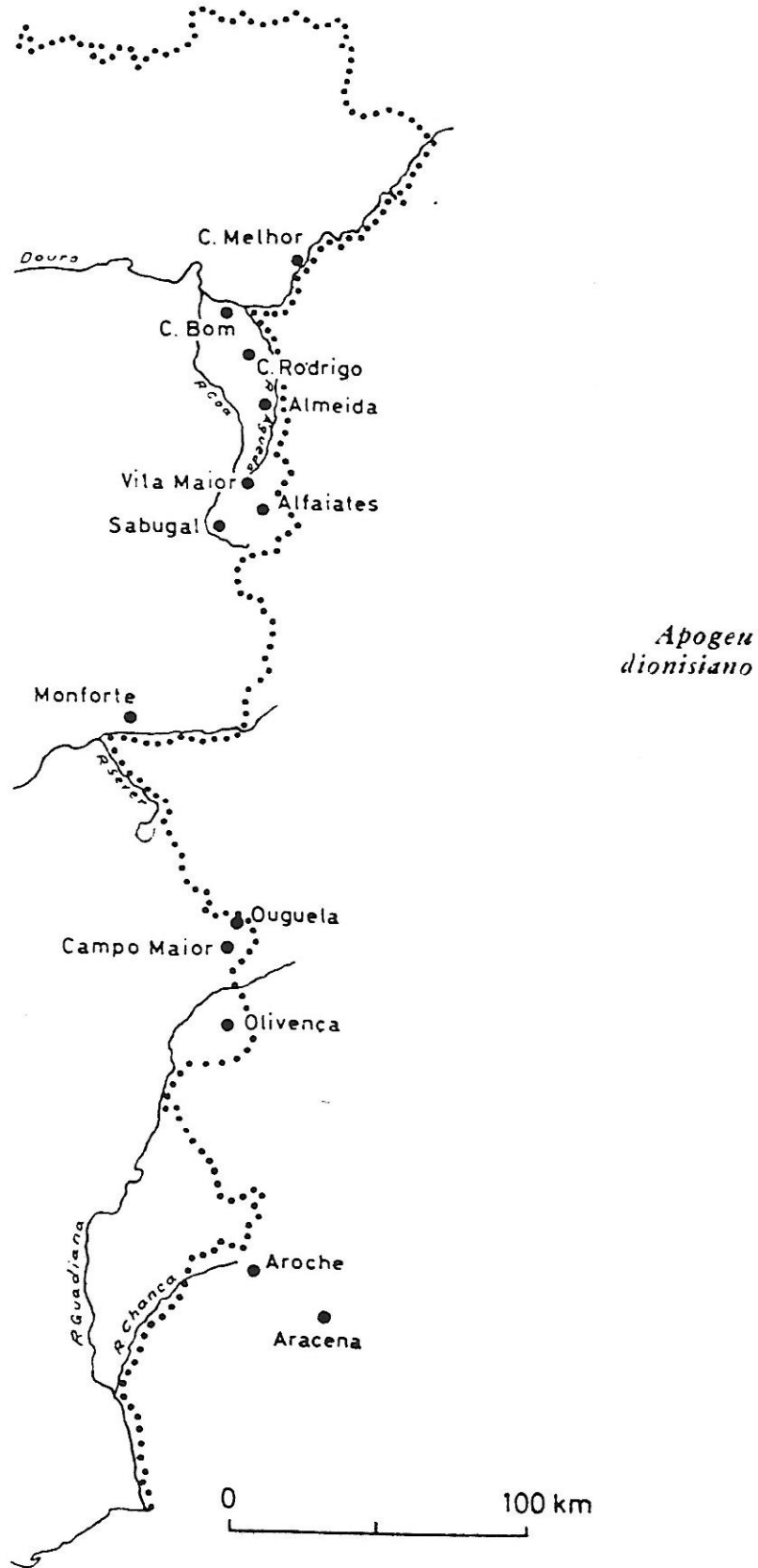
Segundo T. de Sousa Soares, in DHP, I, p. 652

MAPA 11



Feiras medievais portuguesas (segundo V. Rau, simplificado)

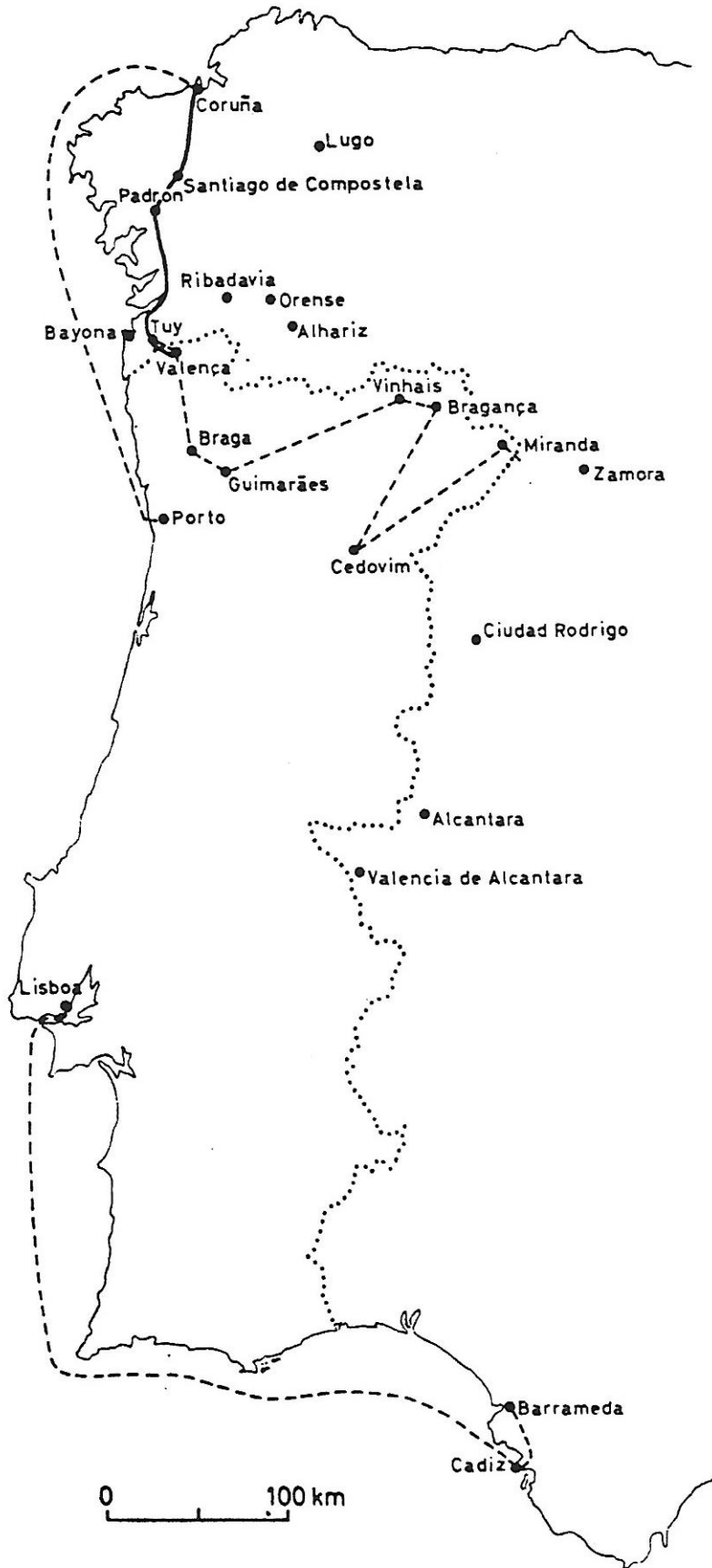
MAPA 12



*Apogeu
dionisiano*

Definição da fronteira portuguesa nos fins do século XIII

MAPA 13



Guerra com Castela,
1369-71

Vão marcadas: as incursões, respectivamente, de D. Fernando em terra castelhana e de Henrique II em terra portuguesa; o regresso por mar do monarca português e a rota da esquadra portuguesa até Barrameda; e, por fim, as principais localidades castelhanas que tomaram voz por D. Fernando.

MAPA 14

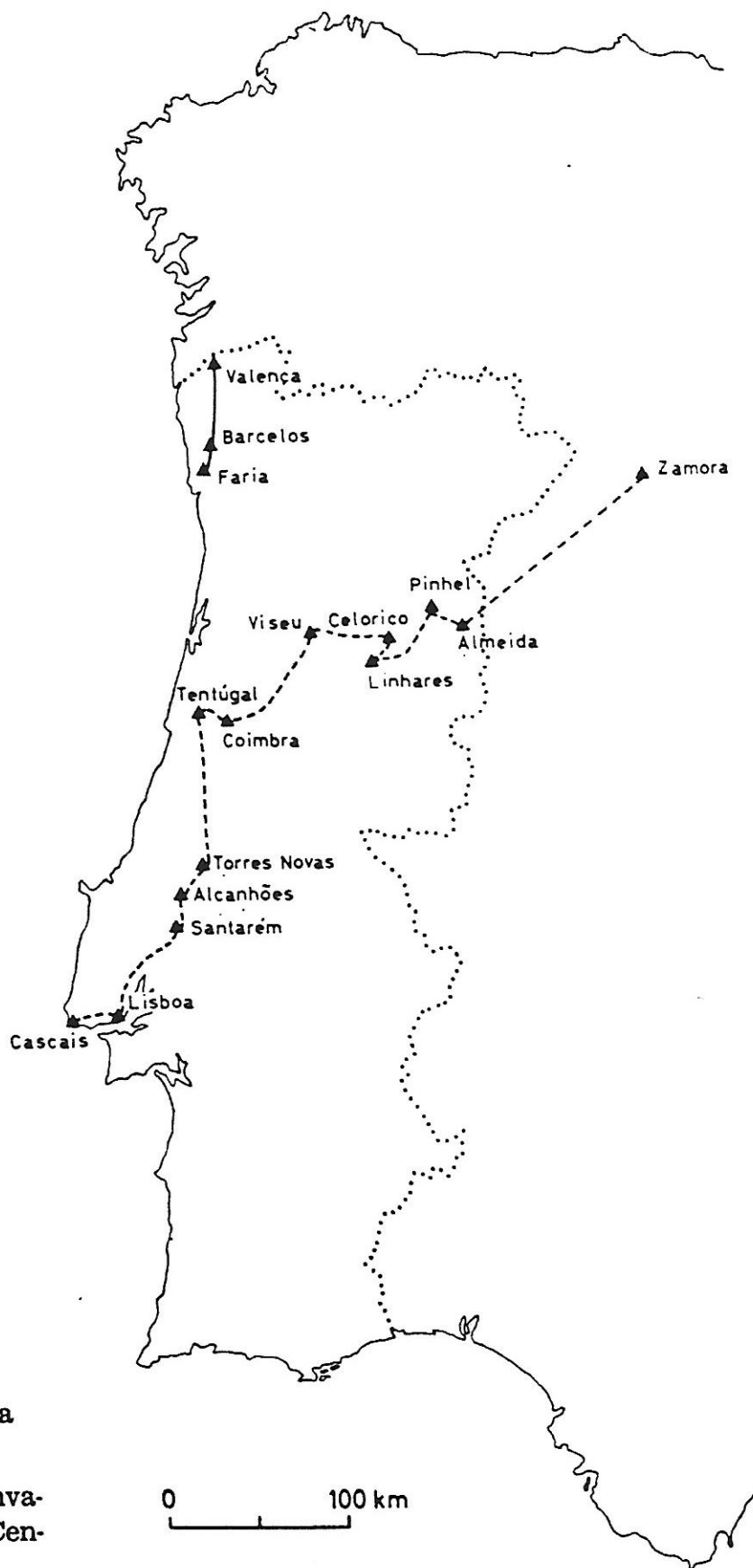
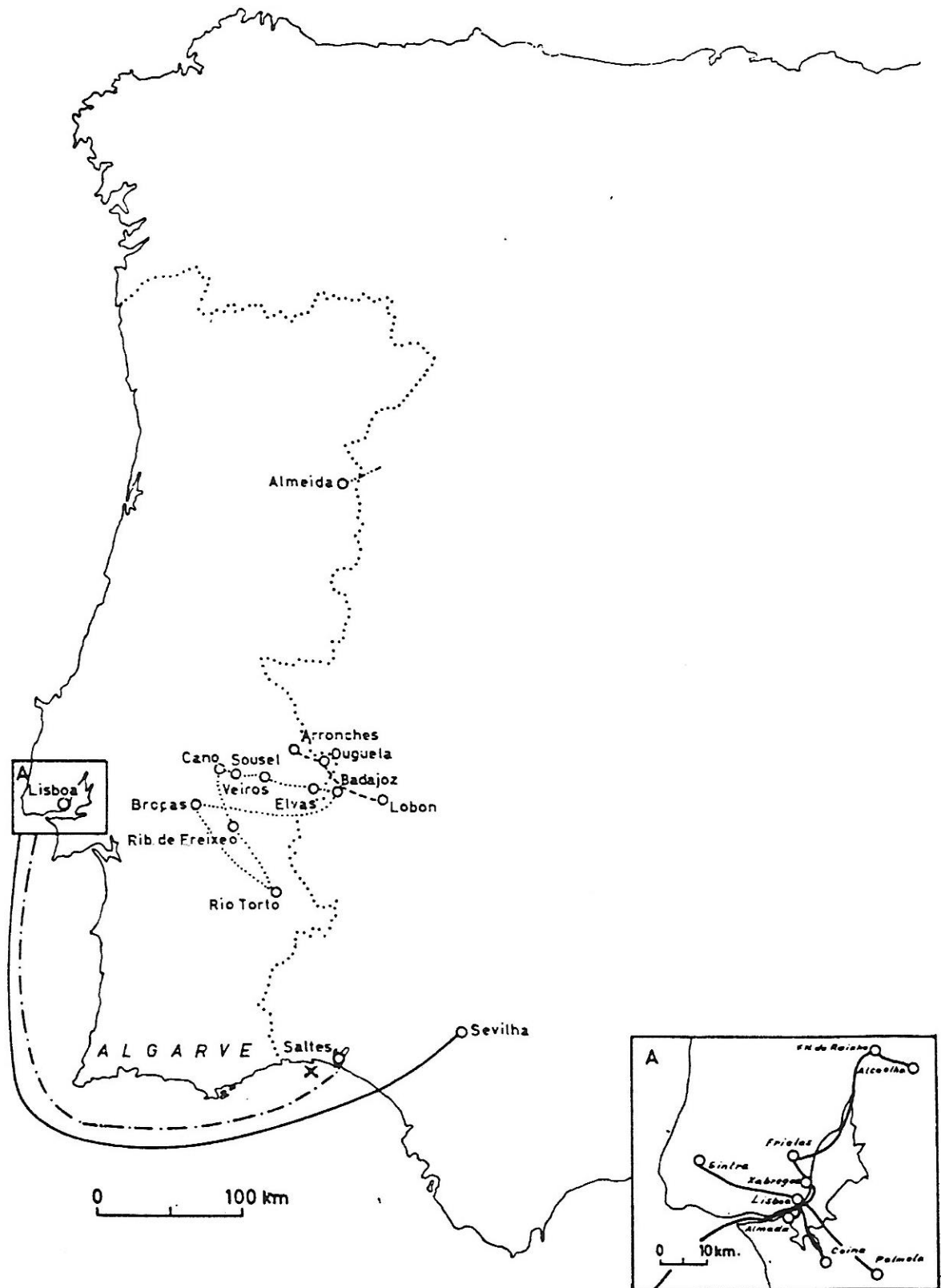


Fig. 29

Guerra com Castela
1372-73

Vão marcadas as inva-
sões castelhanas no Cen-
tro e Norte

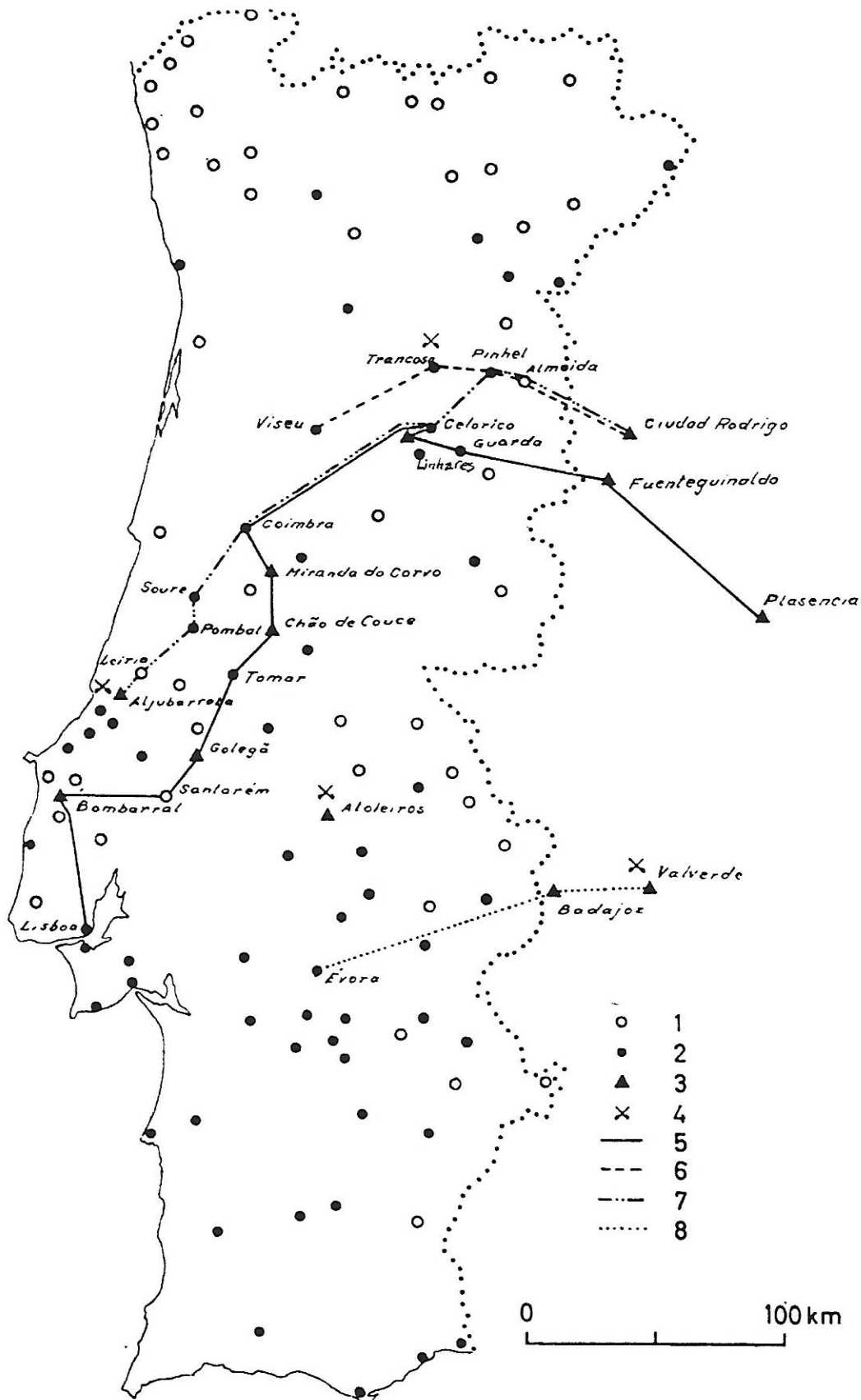
MAPA 15



Guerra com Castela, 1381-82

Vão marcadas: as rotas das frotas castelhana e portuguesa; as incursões castelhanas na foz do Tejo; e as operações no Alentejo e na Beira.

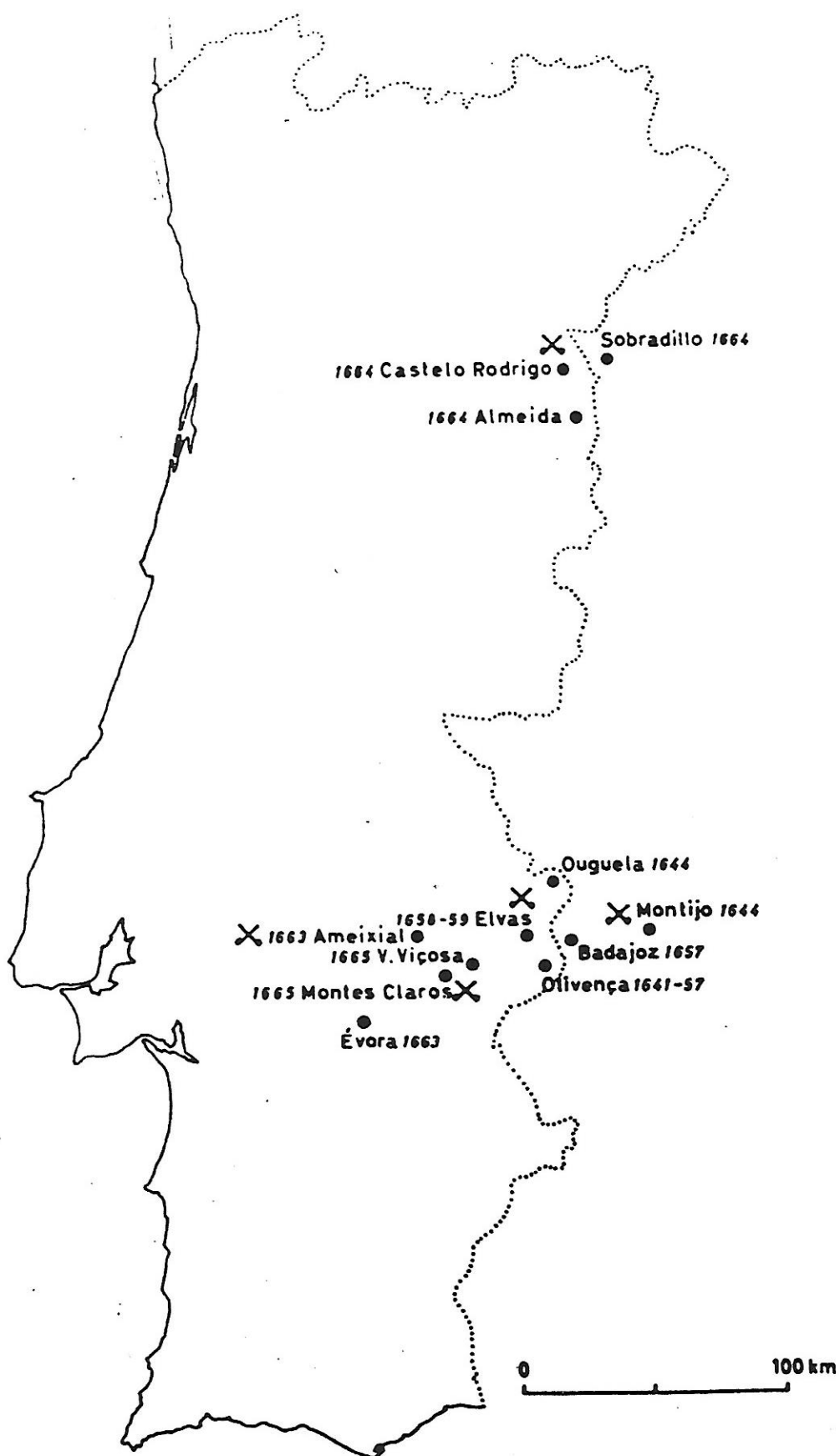
MAPA 16



Revolução de 1383-85 e guerra com Castela

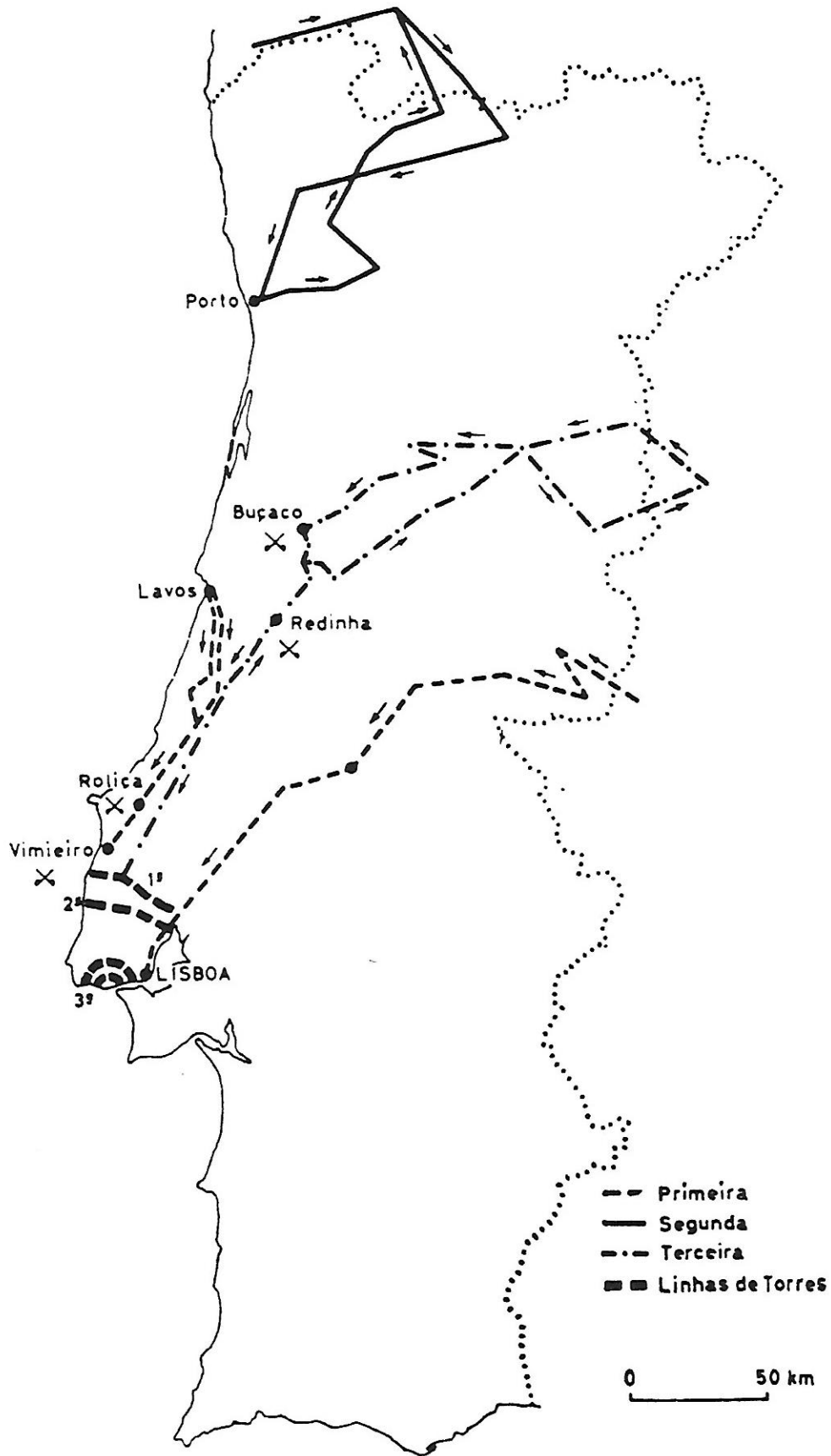
1 — Lugares que tomaram voz por D. Beatriz; 2 — Lugares que tomaram voz pelo Mestre de Avis; 3 — Outras localidades; 4 — Principais batalhas; 5 — Percurso da invasão castelhana, 1384; 6 — Campanha de Nun'Álvares; 7 — Percurso de invasão castelhana, 1385; 8 — Campanha de Nun'Álvares.

MAPA 17

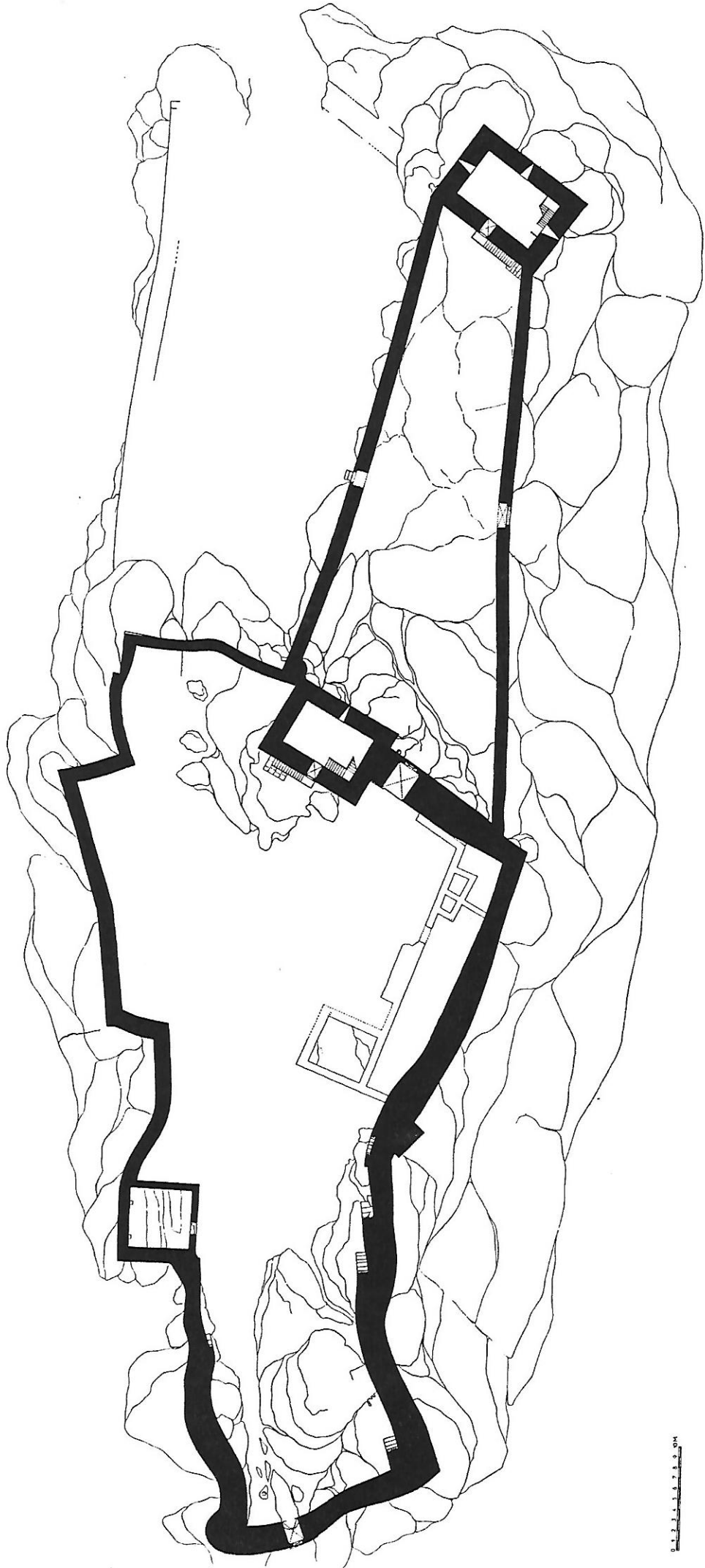


Guerra da Restauração: principais combates

MAPA 18

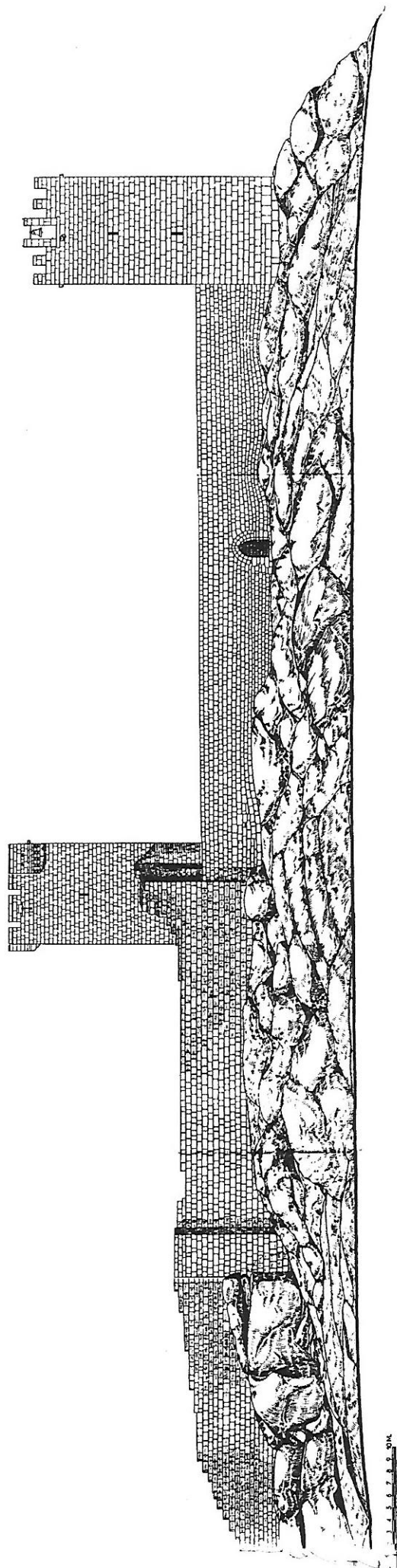


Invasões francesas, 1807-1811



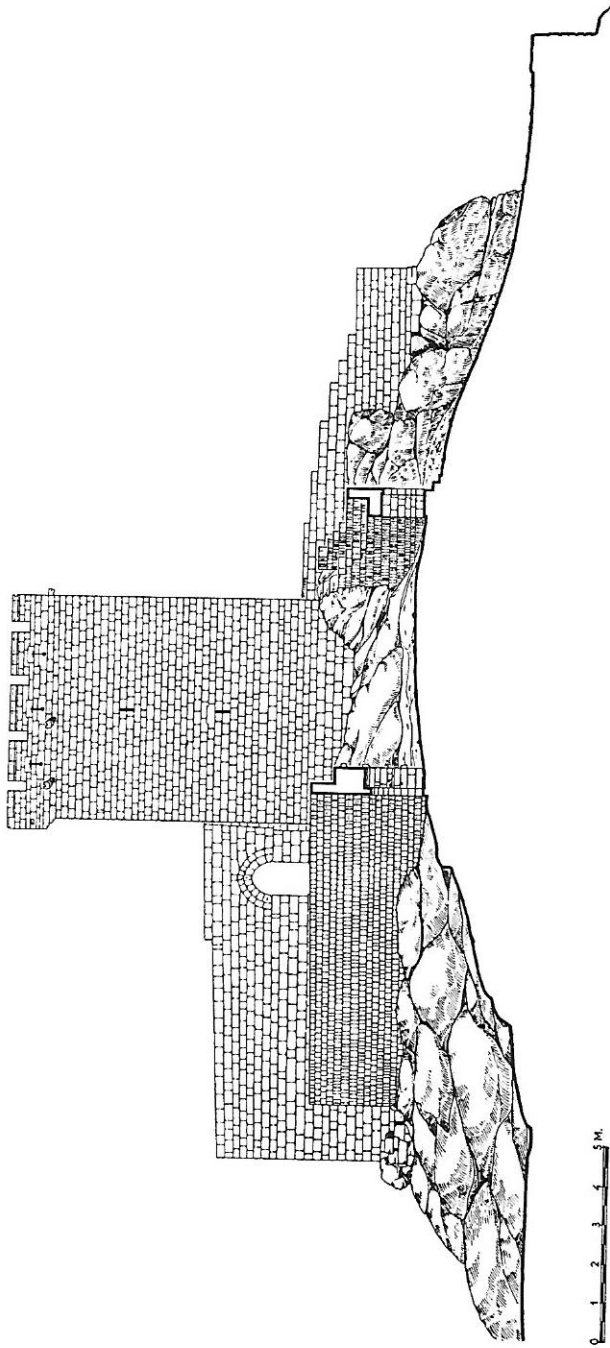
Castelo de Linhares — Planta ao nível da praça de armas depois das obras.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



Castelo de Linhares — Alçado sul no seu estado actual.

GRAVURA IV



Castelo de Linhares — Corte transversal pelas portas das muralhas.

GRAVURA V



U. G. E. M. N.

-Castelo de Linhares — Entrada principal existente
na muralha sul da couraça.

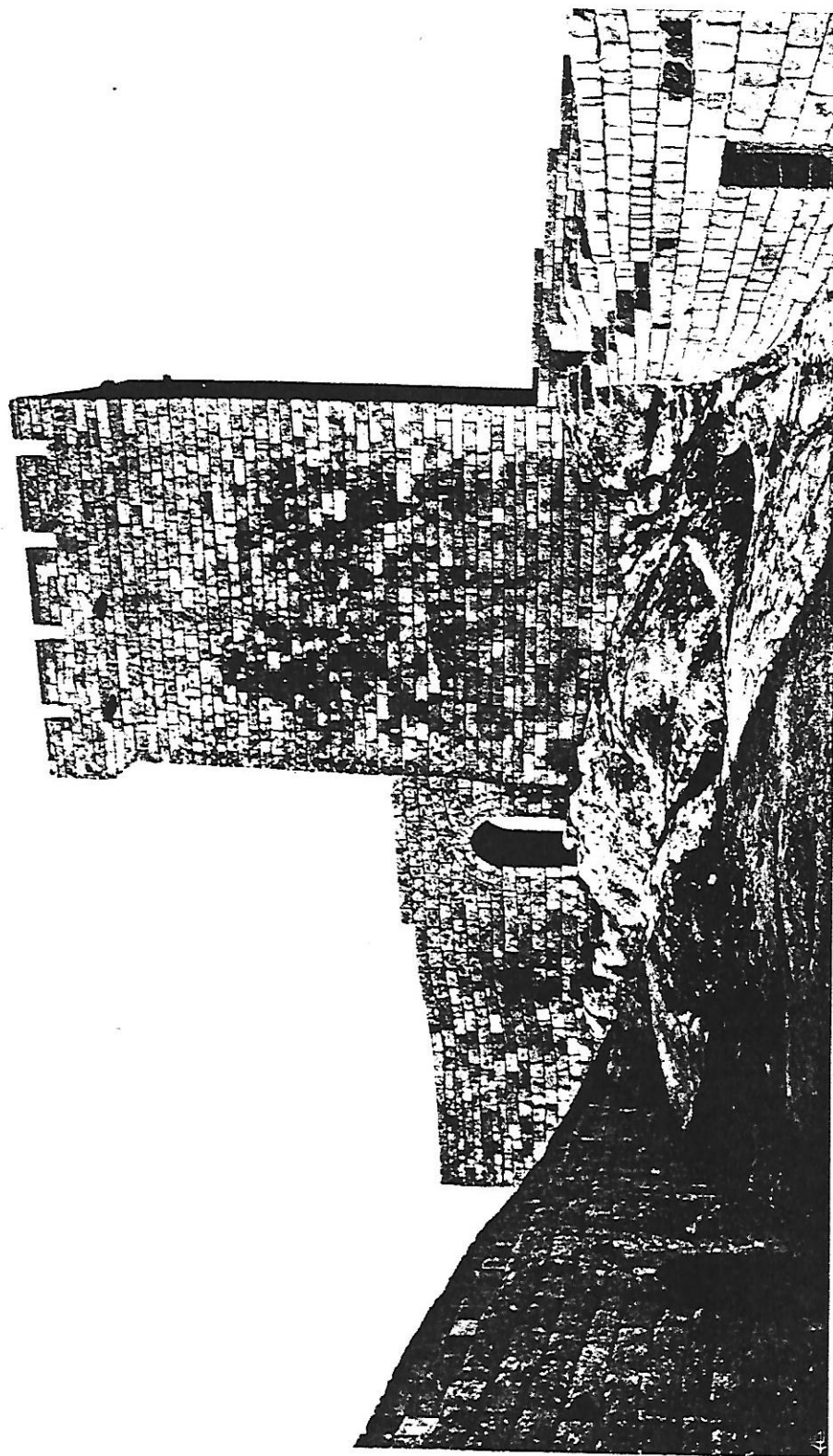
GRAVURA VI



Fot. do Doutor João Pina d'Aragão e Costa

Castelo de Linhares — A torre de menagem antes de serem iniciados os trabalhos de restauro.

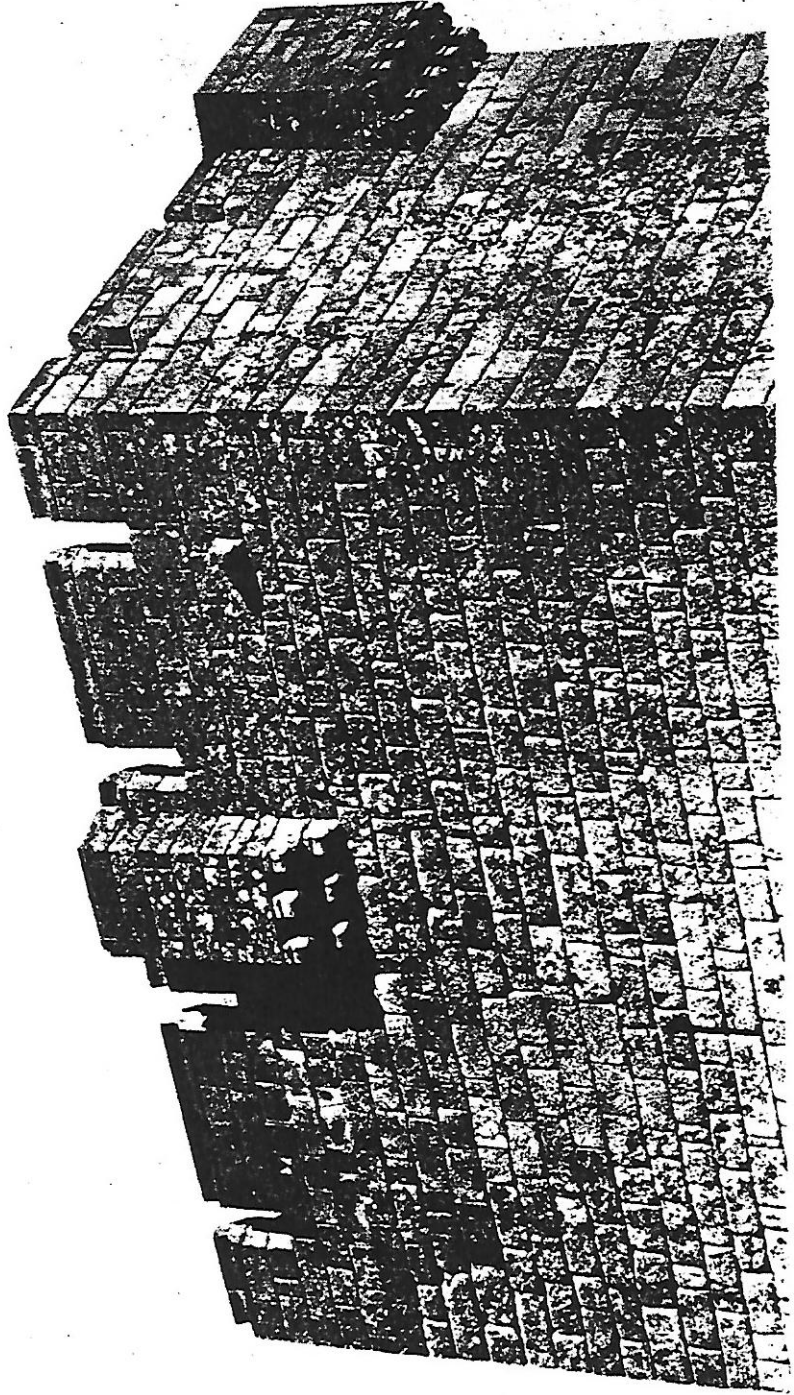
GRAVURA VII



D. G. E. M. N.

Castelo de Linhares — Torre de menagem vista de nascente e interior da couraça.

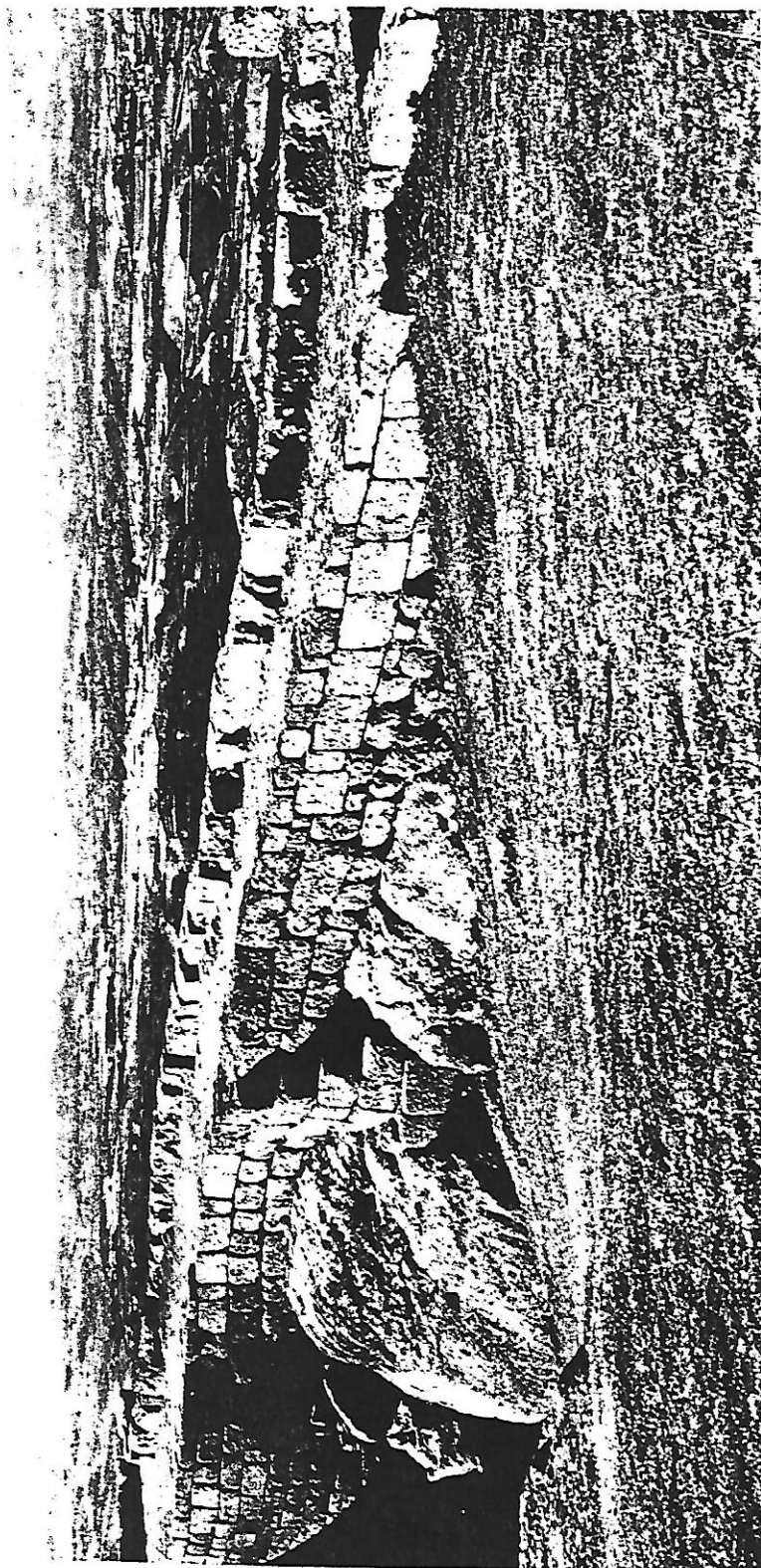
GRAVURA VIII



D. G. E. M. N.

Castelo de Linhares — O coroamento da torre de menagem depois das obras.

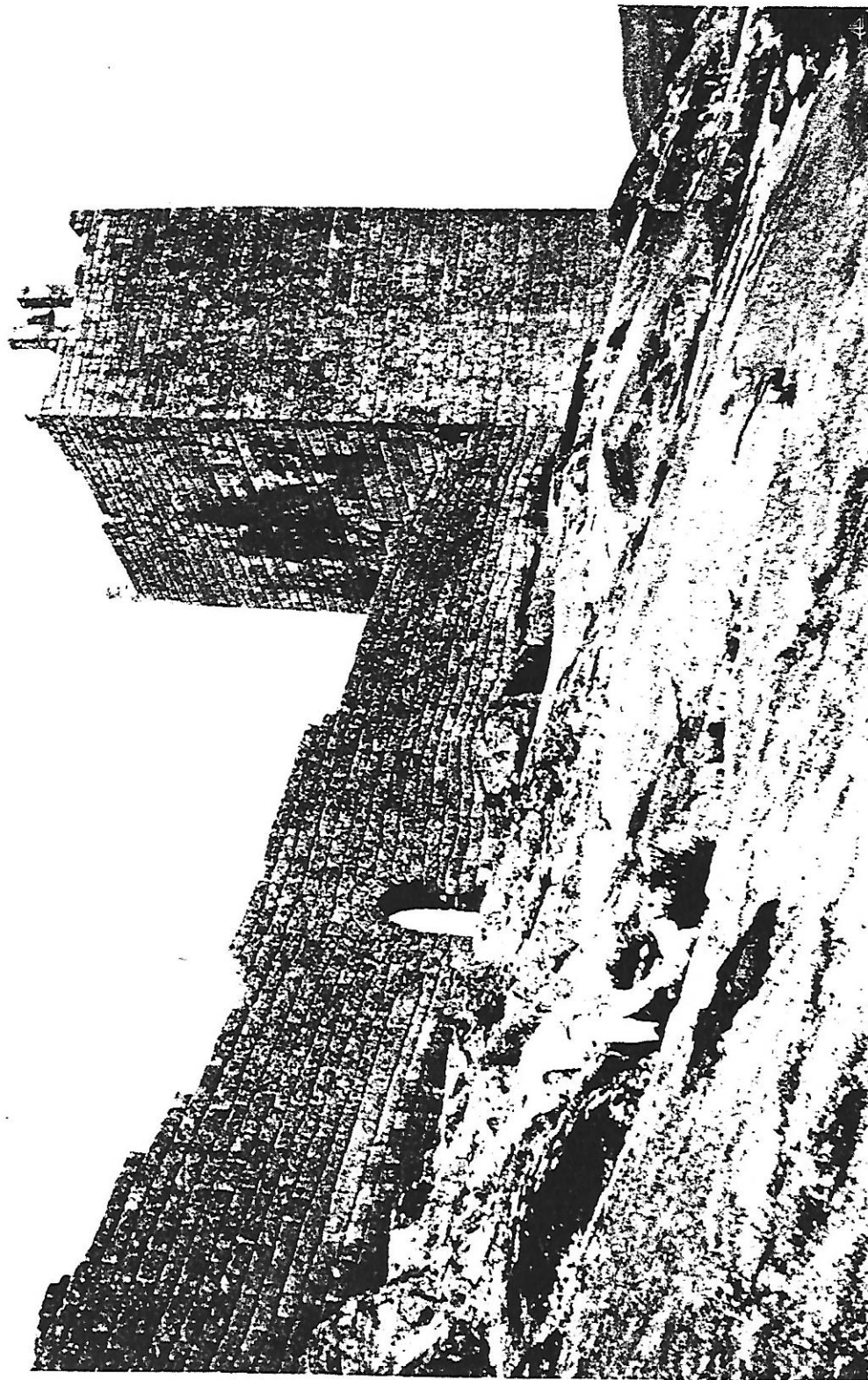
GRAVURA IX



D. G. E. M. N.

Castelo de Linhares — Pormenor dos adarves norte depois das obras.

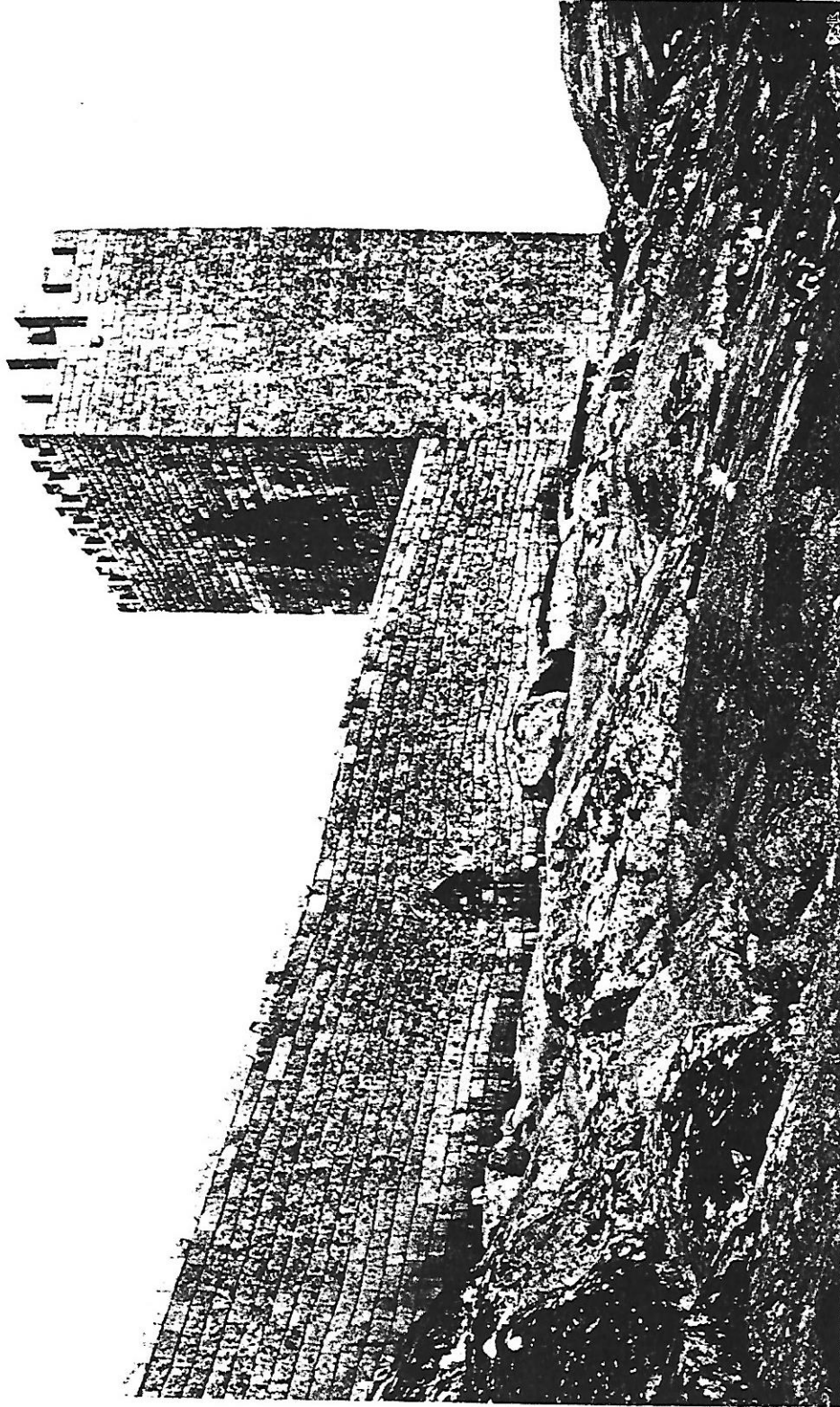
GRAVURA X



Fot. do Dr. João Pina de Aragão e Costa

Castelo de Linhares — Vista da muralha sul da couraça e torre nascente antes das obras.

GRAVURA XI



D. G. E. M. N.

Castelo de Linhares — A mesma vista depois das obras.



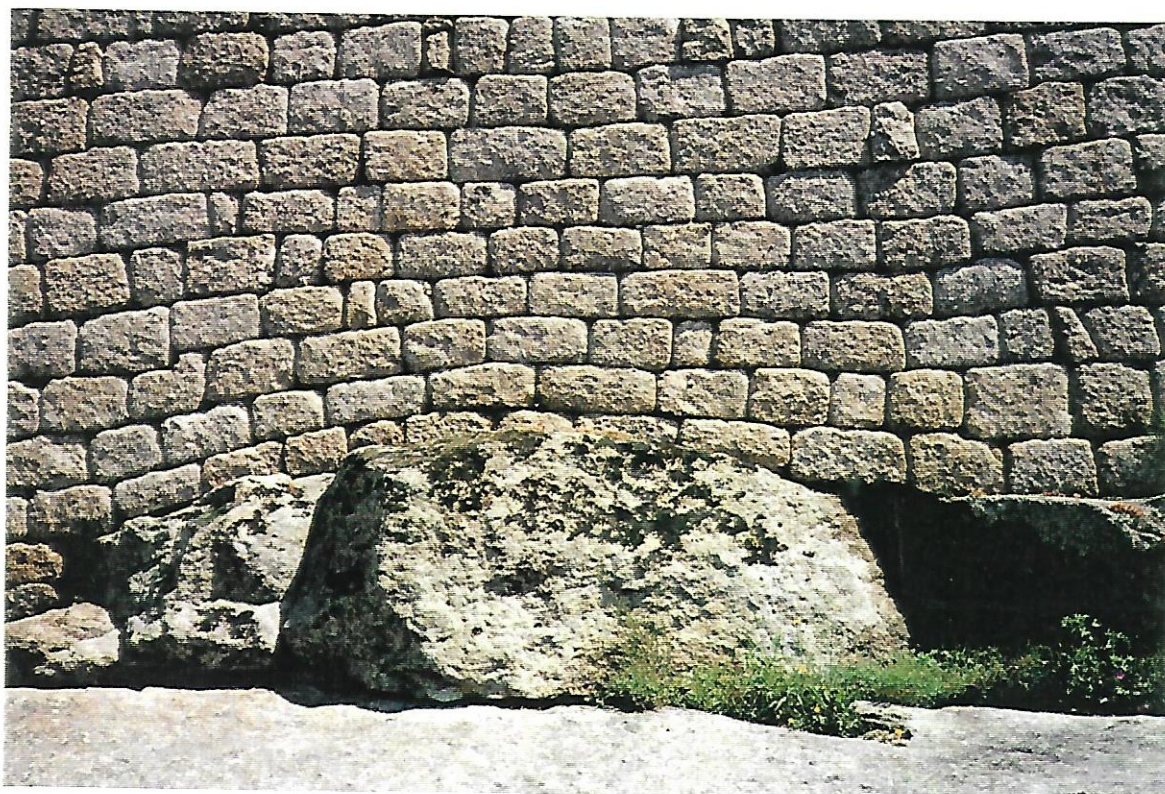
Grav. XII-Aproximação a Linhares vindo de Celorico.



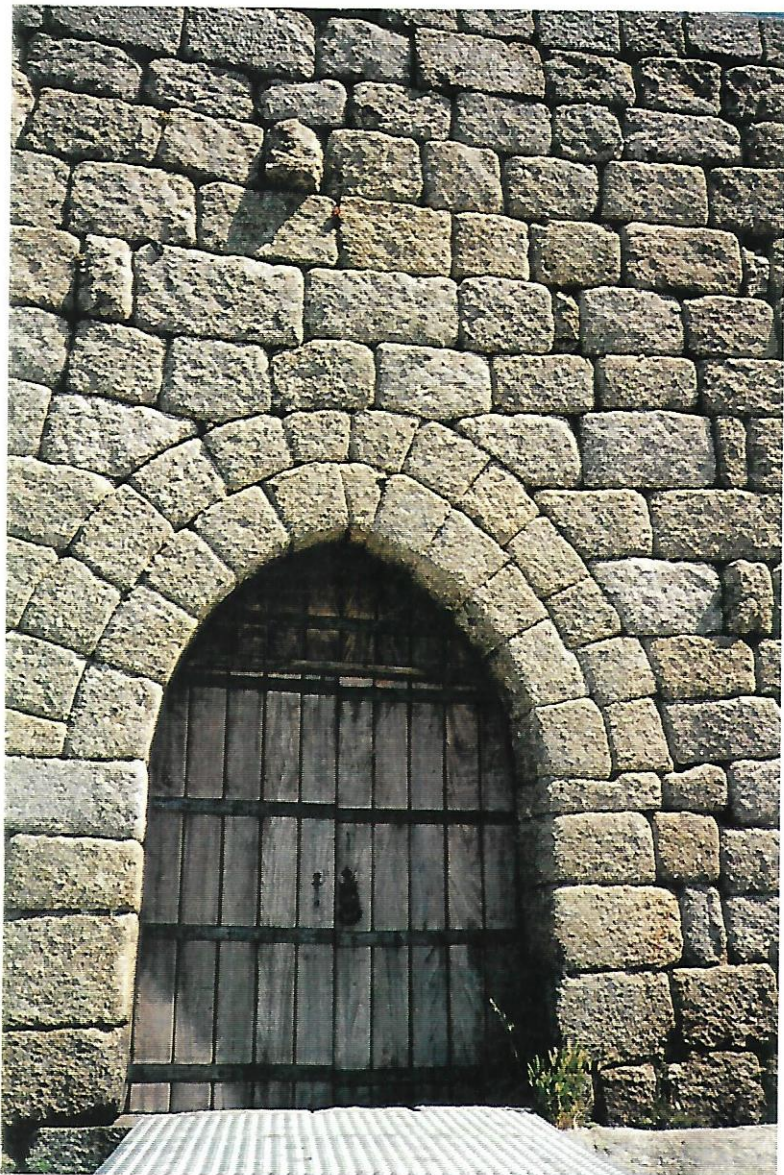
Grav. XIII-Uma casa de Linhares.



Grav. XIV-0 castelo visto da vila, da banda sudoeste.



Grav. XV-A muralha adapta-se ao rochedo.



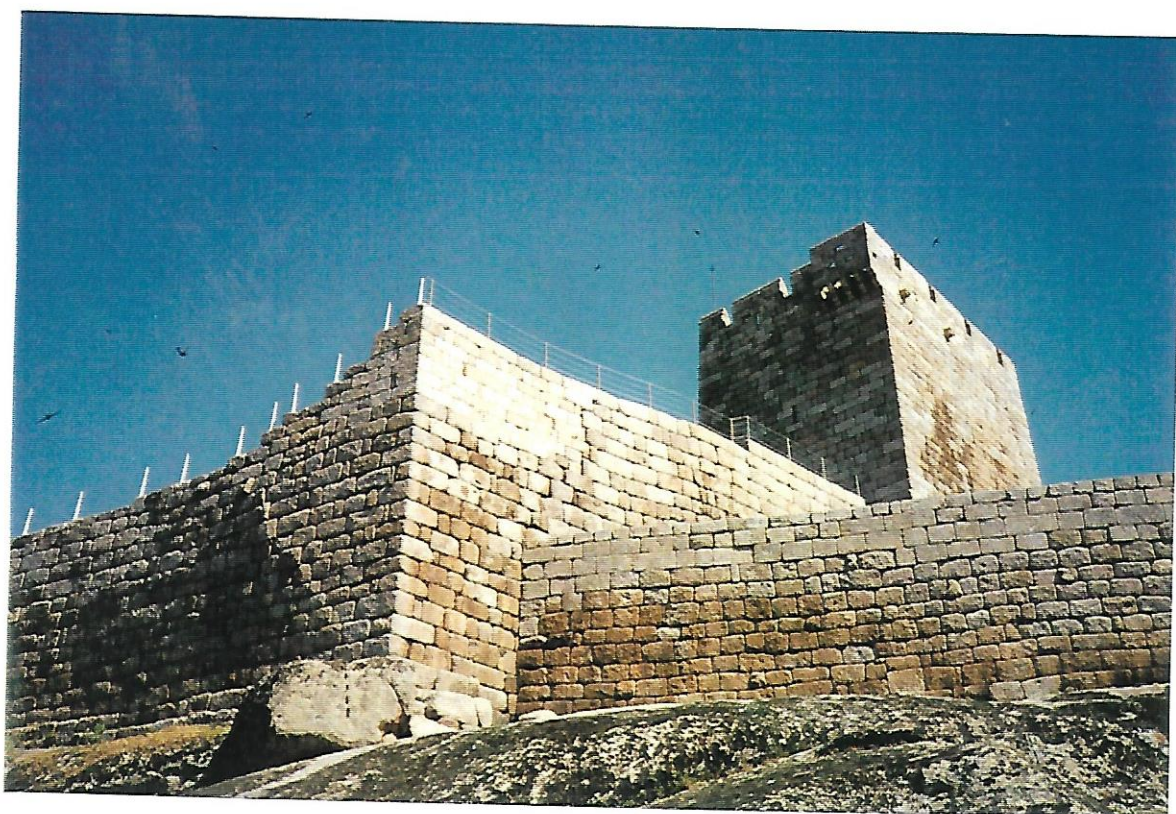
Grav.XVI-Porta sul da
couraça.

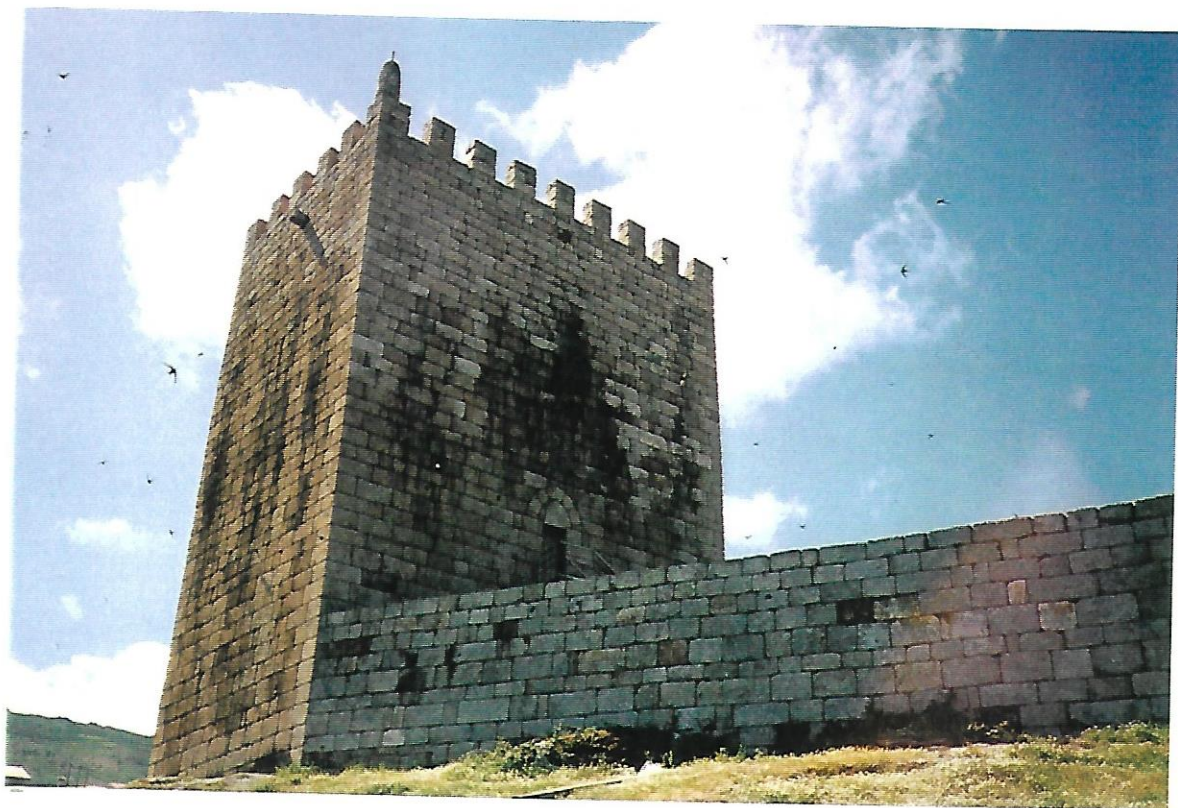


Grav.XVII-Porta poente.



Grav. XVIII e XIX-Torre de Menagem, cerca e coursa vistas de sul.





Grav. XX-Torre e muralha da couraça vistas de norte.



Grav. XXI-O castelo visto de sudeste.



Grav. XXII-Torre de Menagem, cerca e couraça vistas de norte.



Grav. XXIII-Torre e couraça vistas de sul.